



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA E
LITERATURA PORTUGUESA E LÍNGUA E
LITERATURA ESPANHOLA**

DIRCEU GONÇALVES

AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE LÍNGUAS DIANTE DA DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA NA
COMUNIDADE NITERÓI NO MUNICÍPIO DE AMATURÁ-AM

Benjamin Constant-AM

2023

DIRCEU GONÇALVES

AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE LÍNGUAS DIANTE DA DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA NA
COMUNIDADE NITERÓI NO MUNICÍPIO DE AMATURÁ-AM

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em
Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Língua e
Literatura Espanhola, da Universidade Federal do
Amazonas para obtenção de nota final na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Ma. Cristiane Alves da Silva

Benjamin Constant – AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

G635c Gonçalves, Dirceu
As concepções dos professores de línguas diante da diversidade linguística na sala de aula em uma escola municipal indígena na comunidade de Niterói no município de Amaturá-AM / Dirceu Gonçalves . 2023
66 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Cristiane Alves da Silva
TCC de Graduação (Letras - Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Língua portuguesa. 2. Diversidade linguística. 3. Ensino de línguas. 4. Atitude linguística. I. Silva, Cristiane Alves da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICATÓRIA

A minha mãe, meus irmãos e aos meus tios por
todo carinho e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão a Deus por me conceder força, sabedoria e por guiar meus passos, para que eu nunca desistisse dos meus objetivos.

Agradeço também à minha mãe, Maria do Perpétuo Socorro Gonçalves, uma mulher guerreira e batalhadora, que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me e segurando minha mão em todos os momentos. Sou o terceiro filho dela a se formar pela Universidade Federal do Amazonas em Benjamin Constant.

Aos meus irmãos, Fernando Gonçalves Guimarães, Ernani Gonçalves e Bruna Francine Gonçalves Ribeiro, foram os pilares fundamentais nessa jornada. Com eles, pude sempre contar, deram-me motivação para continuar e nunca desistir. Eles estiveram ao meu lado desde o início da faculdade, me encorajando a seguir seus passos e buscar sempre o melhor. Devo muito a vocês. Obrigado, meus irmãos!

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM, que abriu as portas para que eu pudesse realizar minha graduação nestes anos. E, especialmente, aos meus queridos professores Jorge, Solano Guerreiro, Lesly Diana Yong Pimentel, João Bosco Martins D'Ávila e Max Oliveira, que contribuíram com seus conhecimentos para que eu pudesse alcançar minha formação.

Agradeço às minhas orientadoras, Profa. Dra. Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio, por me orientar na defesa da primeira parte da minha monografia, e à Professora Mestre Cristiane Alves da Silva, a quem admiro muito. Meu sincero agradecimento e gratidão pela paciência e compreensão ao longo deste longo caminho, que foram de extrema importância para a conclusão da minha monografia.

Aos meus colegas de curso, Neila Carmem Ramos Lopes, Guaracy de Assis e Mateus de Almeida Rodrigues, com quem compartilhei muitas experiências, e são amigos que levarei para a vida toda.

Aos meus amigos Frâncio Costa Simão, Marcelo Ipuchima, Sabrina Castro, Geremias de Oliveira, Dona Neura, que estiveram ao meu lado nessa jornada, sempre me incentivando.

Ao meu Município de Amaturá e especificamente, à comunidade de Niterói, que contribuíram com a minha pesquisa.

Muito obrigado a todos!

“Aceitar a diversidade não é apenas o respeito ao diferente. Aceitar a diversidade é entender que todos somos iguais”

(Marcus Ronsoni)

RESUMO

Esta pesquisa se intitula as concepções dos professores de línguas diante da diversidade linguística na sala de aula em uma Escola Municipal indígena na Comunidade Niterói, no Município de Amaturá-AM. A diversidade linguística é uma realidade presente em muitos contextos educacionais, incluindo as comunidades indígenas do Município de Amaturá. A convivência com alunos indígenas durante a graduação e a experiência em estágios pedagógicos iniciais evidenciou a relevância e complexidade desse tema. Diante disso, surge a necessidade de compreender as concepções dos professores de línguas frente à diversidade linguística nas salas de aula das Escolas Municipais indígenas, com um enfoque específico na Comunidade de Niterói. A diversidade cultural e linguística é uma característica fundamental dessas comunidades, tornando a sala de aula um espaço propício para o encontro e o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. Diante disso, a pesquisa teve como questão norteadora quais as concepções dos professores de línguas diante da diversidade linguística na sala de aula em uma Escola Municipal indígena na Comunidade Niterói no Município de Amaturá? Desta maneira, o objetivo geral foi investigar as concepções dos professores de línguas frente à diversidade linguística na sala de aula em uma Escola Municipal indígena na Comunidade Niterói, no Município de Amaturá-AM, e como objetivos específicos: identificar a situação sociolinguística em sala de aula na Comunidade de Niterói, no município de Amaturá-AM; analisar a atitude linguística dos professores de línguas frente à diversidade linguística na comunidade de Niterói, no Município de Amaturá; e inquirir os professores de línguas participantes da pesquisa quanto à metodologia utilizada por eles na sala de aula. A pesquisa bibliográfica baseou-se na leitura de autores que abordam a diversidade linguística, as atitudes linguísticas, a variação sociolinguística, a educação bilíngue e o ensino de línguas em contextos multilíngues e multiculturais. Autores como Martellota (2018), Gil (2008), Fiorin (2018), Bortoni-Ricardo (2005), Braga (2017), Antunes (2007), Bagno (2015), entre outros forneceram embasamento para compreender a relação entre língua, cultura, identidade e educação. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário a dois professores de línguas que atuam na Escola Municipal indígena na Comunidade de Niterói. Com base nos resultados alcançados, pode-se afirmar que os professores de línguas levam em consideração e reconhecem que a língua é composta por variações. Essa compreensão mais aprofundada das concepções e atitudes dos professores diante da diversidade linguística contribui para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas para o ensino de línguas aos alunos indígenas, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e enriquecedor.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Diversidade Linguística; Ensino de Línguas; Atitude Linguística.

RESUMEN

Esta investigación se titula Las concepciones de los profesores de lengua sobre la diversidad lingüística en el aula de una Escuela Municipal indígena de la Comunidad Niterói, en el Municipio de Amaturá-AM. La diversidad lingüística es una realidad presente en muchos contextos educativos, incluyendo las comunidades indígenas del Municipio de Amaturá. La convivencia con estudiantes indígenas durante la graduación y la experiencia en etapas pedagógicas iniciales mostró la relevancia y complejidad de este tema. Por lo tanto, existe la necesidad de comprender las concepciones de los profesores de idiomas sobre la diversidad lingüística en las aulas de las Escuelas Municipales indígenas, con un enfoque específico en la Comunidad de Niterói. La diversidad cultural y lingüística es una característica fundamental de estas comunidades, haciendo del aula un espacio propicio para el encuentro y diálogo entre diferentes saberes. Ante esto, la investigación tuvo como pregunta orientadora: ¿cuáles son las concepciones de los profesores de lengua sobre la diversidad lingüística en el aula de una Escuela Municipal indígena de la Comunidad Niterói del Municipio de Amaturá? De esta forma, el objetivo general fue investigar las concepciones de los profesores de lengua sobre la diversidad lingüística en el aula de una Escuela Municipal indígena de la Comunidad de Niterói, en el Municipio de Amaturá-AM, y como objetivos específicos: identificar la situación sociolingüística en la clase presencial en la Comunidad de Niterói, en el municipio de Amaturá-AM; analizar la actitud lingüística de los profesores de idiomas frente a la diversidad lingüística en la comunidad de Niterói, en el Municipio de Amaturá; y cuestionar a los profesores de idiomas que participan en la investigación en cuanto a la metodología utilizada por ellos en el aula. La investigación bibliográfica se basó en la lectura de autores que abordan la diversidad lingüística, las actitudes lingüísticas, la variación sociolingüística, la educación bilingüe y la enseñanza de lenguas en contextos plurilingües y multiculturales. Autores como Martellota (2018), Gil (2008), Fiorin (2018), Bortoni-Ricardo (2005), Braga (2017), Antunes (2007), Bagno (2015), entre otros, sirvieron de base para entender la relación entre lengua, cultura, identidad y educación. Para la recolección de datos, se aplicó un cuestionario a dos profesores de idiomas que trabajan en la Escuela Municipal Indígena de la Comunidad de Niterói. A partir de los resultados alcanzados, se puede decir que los profesores de lengua tienen en cuenta y reconocen que la lengua se compone de variaciones. Esta comprensión más profunda de las concepciones y actitudes de los docentes hacia la diversidad lingüística contribuye al desarrollo de estrategias pedagógicas más apropiadas para la enseñanza de idiomas a estudiantes indígenas, promoviendo un ambiente de aprendizaje inclusivo y enriquecedor.

Palabras llave: Lengua Portuguesa; Diversidad lingüística; Enseñanza de lenguas; Actitud Lingüística.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos professores de línguas.....	43
Quadro 2- Língua utilizada pela comunidade e pelos alunos em sala de aula	44
Quadro 3- A língua ensinada aos alunos	44
Quadro 4 - Consideração da diversidade linguística na sala de aula.....	46
Quadro 5 - Importância de ensinar a língua portuguesa e valorizar as diferentes línguas faladas em sala de aula.	47
Quadro 6 - Uso da leitura e escrita e interferência da língua materna. Impacto e medidas a serem adotadas.....	49
Quadro 7 – Dificuldades no ensino de língua(s) na comunidade.	51
Quadro 8 – Metodologia utilizada em sala de aula para o ensino de línguas(s).....	54
Quadro 9 - Abordagem do ensino de línguas diante da realidade linguística em sala de aula.	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	12
1.1 SOCIOLINGUÍSTICA.....	12
1.2 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA	17
1.2.1 Variação Linguística.....	19
1.2.2 O preconceito linguístico.....	24
1.3 ATITUDES LINGUÍSTICA DO PROFESSOR DE LÍNGUAS	29
1.4 O ENSINO DE LÍNGUAS NA ESCOLA INDÍGENA.....	33
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
2.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	39
2.2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	40
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	42
3.1 INTRODUÇÃO.....	42
3.2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	42
3.3 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS.....	42
3.3.1 Identificação Sociolinguística	43
3.3.2 Atitude Linguísticas do Professor	47
3.3.3 Metodologias aplicadas pelos professores	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES	63
ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

A diversidade linguística é uma característica marcante do Brasil, país reconhecido internacionalmente pela sua riqueza linguística. No entanto, essa diversidade muitas vezes não é adequadamente valorizada e compreendida, especialmente em contextos educacionais. Diante desse cenário, torna-se relevante investigar a situação sociolinguística em comunidades específicas, buscando compreender as atitudes dos professores de línguas frente à diversidade linguística e à metodologia utilizada por eles em sala de aula.

A diversidade linguística é uma realidade presente em muitos contextos educacionais, incluindo as comunidades indígenas do Município de Amaturá, no estado do Amazonas. A convivência com alunos indígenas durante a graduação e a experiência em estágios pedagógicos iniciais evidenciou a relevância e complexidade desse tema. Diante disso, surge a necessidade de compreender as concepções dos professores de línguas frente à diversidade linguística nas salas de aula das Escolas Municipais indígenas, com um enfoque específico na Comunidade de Niterói. A diversidade cultura e linguística é uma característica fundamental das comunidades indígenas, e a sala de aula se torna um espaço privilegiado para o encontro e o diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as concepções dos professores de línguas frente à diversidade linguística na sala de aula de uma Escola Municipal indígena localizada na Comunidade de Niterói, no Município de Amaturá-AM. Para alcançar os resultados, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar a situação sociolinguística na sala de aula na Comunidade de Niterói, no município de Amaturá-AM; analisar a atitude linguística dos professores de línguas frente à diversidade linguística na Comunidade de Niterói, no Município de Amaturá e inquirir os professores de línguas participantes da pesquisa quanto à metodologia utilizada por eles na sala de aula.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreender e valorizar a diversidade linguística presente em nosso país, bem como pela importância de refletir sobre a prática pedagógica dos professores de línguas, buscando promover uma educação linguística que respeite e potencialize as variedades linguísticas presentes na comunidade de Niterói, Amaturá-AM.

Buscou-se compreender a variedade linguística presente nessa comunidade, explorando suas características e influências socioculturais. Além disso, analisaram-se as atitudes dos professores de línguas diante dessa diversidade, investigando como eles

percebem e lidam com as diferentes formas de falar presentes na comunidade. Diante disso, a pesquisa teve como questão norteadora: Quais as concepções dos professores de línguas diante da diversidade linguística na sala de aula em uma escola municipal indígena na comunidade Niterói, no Município de Amaturá?

A pesquisa bibliográfica baseou-se na leitura de autores que abordam a diversidade linguística, as atitudes linguísticas, a variação sociolinguística, a educação bilíngue e o ensino de línguas em contextos multilíngues e multiculturais. Autores como Martellota (2018), Gil (2008), Fiorin (2018), Bortoni-Ricardo (2005), Braga (2017), Antunes (2007), Bagno (2015), entre outros que forneceram embasamento para compreender a relação entre língua, cultura, identidade e educação. Para atingir os objetivos, adotou-se uma abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário aplicado a dois professores de línguas que atuam na Escola Municipal Duque de Caxias, localizada na Comunidade de Niterói no Município de Amaturá-AM.

Este trabalho está dividido em três seções: a primeira seção abordará sobre o Referencial Teórico utilizado para dar embasamento às discussões dos resultados. Nele foram discutidas as teorias que tratam da situação sociolinguística na comunidade de Niterói, como também, a atitude linguística do professor de línguas e suas metodologias ao ensino de línguas aos alunos indígenas. Na segunda seção abordará a maneira como foi desenvolvido o trabalho, ou seja, a metodologia da pesquisa. E na terceira seção abordará os resultados e discussões por meio da análise descritiva do questionário sobre as concepções dos professores frente à diversidade linguística na sala de aula de uma Escola Municipal indígena localizada na Comunidade de Niterói, no Município de Amaturá-AM, e por fim, as considerações finais, referências, apêndices e anexos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística variacionista é uma vertente da sociolinguística que tem como foco o estudo da variação linguística dentro de uma comunidade de falantes. Essa abordagem investiga como os indivíduos utilizam diferentes formas linguísticas em situações específicas e como essas formas variam de acordo com os fatores sociais, tais como idade, gênero, nível socioeconômico, etnia, entre outros. Dessa forma:

Na sociolinguística variacionista, dialeto e falar são sinônimos de variedade. É importante observar que dialeto aqui não corresponde a uma variedade “inferior” ou estigmatizada de uma língua, mas sim – com equivalente a variedade – ao falar característico de determinado grupo social e/regional (COELHO *et al.*, 2018, p.15).

As “autoras destacam a perspectiva da sociolinguística variacionista em relação aos termos “dialeto” e “falar” como sinônimos de “variedades”. Nessa abordagem, é importante ressaltar que o termo “dialeto” não tem a conotação de ser uma variedade “inferior” ou estigmatizada de uma língua, mas sim uma forma de expressão característica de um determinado grupo social e/ou regional.

A sociolinguística tem como objetivo analisar de forma sistemática a relação entre as variações linguísticas e os aspectos sociais, buscando estabelecer a conexão entre as diferentes formas de fala e as características da estrutura social presentes em uma comunidade. Dessa forma, o foco da sociolinguística reside no estudo da diversidade linguística, investigando as variações observáveis na fala. Martelotta (2018, p. 141) “para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que utilizam como meio de comunicação”, Martelotta destaca a importância de considerar o contexto social, cultural e histórico no estudo da língua. A abordagem sociolinguística nos lembra de que a língua é uma manifestação complexa e dinâmica das interações humanas, sendo influenciada por uma variedade de fatores sociais e culturais. Compreender a língua nesse contexto mais amplo permite uma análise mais completa e precisa da sua estrutura, uso e significado.

Ao considerar a língua como uma instituição social, a sociolinguística examina como as variações linguísticas e as escolhas linguísticas são influenciadas pelo contexto social. Por exemplo, o uso de diferentes variantes linguísticas em diferentes regiões geográficas ou em diferentes grupos sociais é um aspecto de estudo da sociolinguística. A variação linguística é vista como um reflexo das relações sociais e identidades culturais dos falantes. Além do mais,

a sociolinguística investiga as diversas variedades linguísticas que existem dentro de uma comunidade, estudando o indivíduo a sua interação e fala do indivíduo, tendo uma visão mais ampla do estudo no campo linguístico. Alkmim (2003, p.31) “não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regra”, ou seja, as pessoas estão conectadas por diferentes maneiras de se comunicar e diversos comportamentos verbais, a partir de um conjunto de regras da língua que rege a comunicação nesse sentido. Ainda que a fala seja individual, por outro lado:

[...] as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo (MOLLICA e BRAGA, 2017, p. 09).

De acordo com as autoras, a língua se apresenta inerente a cada indivíduo e se torna diversificada a fala de cada pessoa, o que faz com que a cada situação que nos inserimos, percebe-se que a diversidade é notória, pois cada um traça um perfil de falante socialmente diferenciado. E dessa maneira, a construção das palavras em um diálogo, depende do nível social e escolarizado do falante, o que caracteriza uma variação na comunicação. É fácil perceber essa colocação diante de um diálogo até mesmo na família, visto que somos mais próximos, pois, de acordo com a socialização em grupos diferenciados, a fala modifica-se e disso, acaba trazendo marcas perceptivas na maneira de falar. Diante dessa perspectiva:

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, estendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis (MOLLICA e BRAGA, 2017, p. 09-10).

Em concordância com as autoras, a sociolinguística tem como foco principal o estudo pela variação linguística presente na sociedade, e contribui cientificamente aos estudos avançados das diferentes línguas do mundo. Estudos esses que nos dão base para compreender e estabelecer conhecimentos acerca das relações de comunicação um com o outro. E que deixa claro que, as mudanças de variações de fala são por diferentes fatores, dentre eles, a variante lexical, fonológica, morfológica, sintática, discursiva, dentre outros que estão internalizados em cada falante da língua. As mudanças que ocorrem são fatores

independentes que na sistematização das palavras a estruturalização toma sentido e que não afeta o uso da língua a sua forma de tratamento. Além do que:

A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade (MOLLICA e BRAGA, 2017, p. 10).

Em conformidade com as autoras, a sociolinguística busca compreender como fatores sociais, como classe social, etnia, gênero, idade e contexto sociocultural, influenciam o uso da linguagem. Cada grupo social pode apresentar comportamentos linguísticos diferentes, o que leva à variação linguística. Essa variação linguística é um fenômeno natural e inevitável, e é por meio dela que a sociolinguística se aprofunda na análise das relações entre linguagem e sociedade. Já que não nos comunicamos de uma mesma maneira, esse fenômeno da variação possibilita avançar nos estudos sociolinguísticos e mediante a esses fatores o estudo se torna mais elaborado, complexo e estruturado. E conforme os estudos sociolinguísticos:

A estigmatização linguística e mobilidade social constituem temas de interesse aos sociolinguistas. Em princípio, estruturas de maior valor de mercado que recebem avaliação positiva paramentizam-se com grau altv de monitoramento e de letramento. Maior sensibilidade, percepção e planejamento linguístico são, via de regra, pré-condição à produção das formas de prestígio e disposição adequada para eliminarem-se estigmas sociolinguísticos na fala ou na escrita (MOLLICA e BRAGA, 2017, p. 13).

A maneira de se expressar e o grau de estabilidade social perante a desvalorização do uso da língua ganha relevância quando se trata de um estudo sociolinguístico. O fato é que somente a classe que tem o domínio social sobre a língua é valorizada, e inferioriza a fala de determinados grupos julgando os valores linguísticos e culturais dos falantes. Uma vez que isso acontece, devemos combater esse estigma e aceitar que a linguagem reflete na atitude social de cada um, diante da interação verbal. Nesse sentido, a reflexão que se tem, é que podemos trabalhar essa diferença que existe dentro da sociedade que menospreza e critica a maneira de falar de cada um.

Em suma, a sociolinguística tem interesse em estudar a linguagem social e busca minimizar a estigmatização das variações na fala dos indivíduos. Pois, se vê que a linguagem mais valorizada é de quem demonstra maior condição e pré-disposição em comunicar-se. Diante disso, a sensibilização e reconhecimento à importância que tem a cultura e individualidade de cada um, estabelece um limite entre os estigmas que centralizam na sociedade. A esse respeito:

Os sociolinguístas tem se voltado para a análise dessas relações, e preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predomina as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência padrão culto. As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em continuum, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária (MOLLICA E BRAGA, 2017, p. 13).

Em concordância com as autoras, os estudos sociolinguísticos se aprofundam na questão que ainda assola a sociedade que é o preconceito linguístico, de julgar a maneira como o outro fala. Nós enquanto pesquisadores da linguagem e professores de línguas devemos saber o porquê de o indivíduo falar de certo modo. Apesar dos conhecimentos que temos sobre esse assunto, pode ser que, nas escolas ainda haja professores que valorizem a correção gramatical, deixando de lado o aluno a entender que as pessoas falam dessa maneira porque foi como aprenderam e influenciadas pelo lugar em que vivem. Por meio disso, devemos respeitar o modo de falar de cada um, para que seja possível que cada indivíduo seja capaz de se tornar cada vez mais apto a se manifestar.

Dessa maneira, observar-se que a variação linguística se manifesta na maneira em como cada indivíduo se comunica de acordo com sua convivência. Calvet (2002, p. 12) informa que “as línguas não existem sem as pessoas que a falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, ele afirma que a língua só sobrevive pela existência de seus falantes, e na língua está a história e cultura de um povo.

Consequentemente, uma comunidade que deixa de utilizar sua língua materna em ventura de outra por motivos de se agregação social, provavelmente acaba adquirindo uma nova língua, que de fato, pode ter dominância total ou parcial perante sua língua materna. Tendo em vista disso, Maher (1996, p.57) salienta que “o bilinguismo, dessa forma, constitui que indivíduo é capaz de aprender outro idioma ao longo da vida, por meio, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua” o de estudos e influência do local onde esteja evidenciando a aprendizagem e a capacidade das pessoas de uma comunidade comunicar-se entre si no uso da sua língua materna, a língua indígena, dentre outras, inseridas no contexto. Além disso

[...] as atitudes e os sentimentos dos falantes ao bilinguismo e à alternância de código podem, de certa forma, influenciar no comportamento linguístico dos bilíngues, levando-os a ativar ou a desativar seus diferentes modos de falar. Assim, quando elementos de uma dada língua são inseridos na outra durante um mesmo evento de comunicação, quebra-se a expectativa de que uma única língua seja utilizada naquele momento (GOSJEAN, 1982, p.23).

De acordo com o autor, o falante bilíngue que utiliza da segunda língua acaba trazendo uma carga de elementos da sua língua materna que frequentemente influencia na sua maneira de falar, isso é causa da interferência linguística na fala do indivíduo que geralmente é perceptível na linguagem em uso.

Dessa maneira, as atitudes e crenças dos indivíduos em relação às línguas afetam o uso e a alternância na comunicação. Podendo variar amplamente o discurso entre os falantes bilíngues, uma vez que, influencia suas escolhas linguísticas em diferentes contextos. Assim sendo, os ambientes acabam exigindo mais do falante, principalmente na escola ou em outro campo social.

[...] a tarefa da sociolinguística não se esgota na descrição da variação e divulgação dos resultados obtidos. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer mudanças de postura da escola e da sociedade em geral, para tal mudança de posturan, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar importante (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Podemos observar na fala da autora que uma pesquisa sociolinguística destaca a necessidade ir além da descrição da variação, envolvendo-se ativamente na busca de uma pedagogia sensível e na promoção de mudanças de postura na escola e na sociedade. A descrição das regras é uma etapa fundamental nesse processo, pois fornece o conhecimento necessário para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e respeitosas com diferenças linguísticas e culturais dos alunos. Tendo assim, uma visão mais ampla em relação à língua e cultura do local que preze respeito aos falantes. O que leva a refletir sobre a influência linguística na aprendizagem de uma língua. Do mesmo modo tendemos a ter um olhar particular e de percepção sobre essas crenças, línguas, tradições, comportamentos e costumes de um povo. Da mesma forma, reconhecer a comunidade de pesquisa é essencial para que tenhamos uma relação de proximidade com os participantes, dessa maneira, adquirir muito mais informações necessárias para a pesquisa, visando à realidade do local, a observação dos comportamentos do falante da língua em contexto. Sendo assim:

[...] é preciso nos desfazer de algumas eventuais noções pré-concebidas. É necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e a mudar. É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros (COELHO *et al.*, 2018, p. 11-12).

Conforme a autora, para compreender plenamente a natureza da língua e sua relação

com os falantes, é necessário abandonar ideias fixas e compreender sua natureza variável e influenciada pela realidade dos falantes. A sociolinguística nos convida a considerar a diversidade linguística e a valorizar as vozes e perspectivas dos falantes em suas práticas e avaliações linguísticas.

1.2 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

A variedade linguística é a forma de como é utilizada as diferentes línguas de um mesmo país, e essas variações ocorrem devido a vários fatores, entre eles, a faixa etária, a escolaridade, a região, o contexto na sociedade e cultura dos falantes. A esse respeito:

Damos nomes de variedade à fala características de um determinado grupo. A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade manauara e a variedade da Zona Leste da cidade de São Paulo; a partir de critérios sociais, podemos pensar, por exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados, na variedade dos falantes mais jovens e na variedade das mulheres; também podemos escolher outros critérios, como a ocupação/profissão (variedade dos advogados, por exemplos) ou algum hábito que unifique os falantes (a variedade dos falantes que acessam determinada rede social n internet com frequência, por exemplo) (COELHO *et al.*, p. 14-15).

Estima-se que existam cerca de 250 idiomas falados no Brasil. Além do português e vários idiomas também são utilizadas as línguas indígenas, imigrante, crioula e afro-brasileira. Essa herança cultural é desconhecida da grande maioria da população cujo senso comum é que o Brasil é um país monolíngue. Então dizer que a língua é única e pura é deixar de lado toda luta pelo reconhecimento e valorização das línguas que ainda existem no Brasil.

Na escola, a diversidade cultural e linguística também se refletem nas diferentes formas de falar, ou melhor, nas diferentes formas de expressão por meio da fala que cada aluno traz. Assim, entendemos que as diferenças individuais tornam-se um fator que enriquece a comunidade na medida em que esta a respeita. As diferenças nos unem, não estimulam a desvalorização de uma língua. Ainda que:

[...]embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variedade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo (BAGNO, 2007, p. 15-16).

Sabendo que, no Brasil, a língua que falamos é o português, na maioria dos casos, devido a isso, percebemos que existem variedades entre falantes de uma região a outra. Essa diversidade linguística pode ser reconhecida entre indivíduos falantes de comunidades

diferentes. O que muitas vezes, pode estimular o preconceito linguístico a maneira de falar de cada pessoa. Essa causa pode acontecer se não tivermos conhecimentos e compreensão ao repertório linguístico de cada indivíduo ao se expressar. A esse respeito:

[...]são essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro – que são na maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (BAGNO, 2007, p. 16).

O autor aborda o contexto das graves diferenças de status social que existem entre as variedades não-padrão do português brasileiro e a suposta variedade culta ensinada na escola. Destaca que essas diferenças de status social resultam em um abismo linguístico entre os falantes dessas. É na escola que devemos aprender a respeitar a fala do outro, tendo o professor como referência para ensinar que todos os alunos têm seu modo de fala e tempo para aprender. Principalmente alunos que estão aprendendo uma nova língua. A propósito:

O espaço social deixado vago pela inexistência de uma política oficial, de âmbito nacional, acaba sendo ocupado, infelizmente, por uma política linguística difusa retrógrada, justamente aquela praticada de modo repressor, persecutório e cientificamente desinformado pelas diversas instâncias da sociedade que, de um modo ou de outro, se interessam pela questão da(s) língua(s): a pedagogia tradicional, as editoras de revistas e livros, as academias de Letras, os meios de comunicação de massa, poderes executivos e/ou legislativos estaduais e municipais, etc (BAGNO, 2015, p. 24).

Quando não existe uma legislação que protege a língua ou que não reconhece a existência de uma vasta diversidade linguística além, do que aprendemos e ouvimos dizer que é a única referência de língua pura, estamos destinados a conviver com um grande problema social. Já que a língua que aprendemos é do português falado e escrito corretamente, são isso que nos mostra os estudos tradicionais, os escritores, os discursos políticos, dentre outros, que impõe as normas linguísticas gerando diferenças sociais. Além de que:

[...] é verdade que no Brasil a língua falada pela grande maioria da população é o português brasileiro (que muitos já gostariam de chamar simplesmente de brasileiro), esse mesmo português brasileiro apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de preconceito [...] (BAGNO, 2015, p. 27).

Também é justo dizer que, a língua mais falada no Brasil é mesmo o português, o nosso português brasileiro. Pois, o nosso português apresenta diversidade e variantes de diversas influências de língua e variações regionais. E na nossa região o que mais temos em

contato são línguas diferentes e uma imensa variação perceptível nos falantes, o que é bem visto porque diminui o preconceito e une as línguas.

[...] passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social. O reconhecimento da existência de muitas variedades linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola, proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade estigmatizada de português brasileiro (quando não outra língua, diferente, como ocorre em diversos lugares do Brasil, sobretudo nas zonas de fronteiras, nas comunidades indígenas e nas áreas de forte imigração, onde o português não é a língua materna de parte da população (BAGNO, 2015, p. 33).

De acordo com o autor, as escolas têm como compromisso conscientizar alunos e professores sobre a diversidade linguística, para que possamos conviver com pessoas de lugares e culturas diferentes. Sabendo que cada aluno está desenvolvendo conhecimentos linguísticos, que muitas das vezes desconhece, apesar de ser falante dela. E que, essa diversidade e variedade existem, é só observa a nossa região, em comunidades com pessoas do português brasileiro, língua espanhola e língua indígena, elas juntam se associam, formando uma diversidade rica de variabilidade, pela união de fronteira. E dessa maneira, muito é visto dentro da universidade, onde passamos a conviver e a minimizar o preconceito linguístico.

1.2.1 Variação Linguística

As línguas apresentam um processo de mudança constantemente durante o tempo, no qual os estudos linguísticos estudam esse processo acerca dos anos, possibilitando a compreensão da língua que é um sistema de regras ao que é estabelecido e organizado, onde a fala é de cada um, e nessa individualidade está sujeito a variação linguística de lugares, grupos sociais e em diferentes situações. Do mesmo modo:

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes a língua e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. A sociolinguística se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável (MARTELOTTA, 2018, p. 141).

O autor aborda um princípio fundamental da sociolinguística, que é o reconhecimento

de que a variação e a mudança são características intrínsecas à língua. A sociolinguística parte do pressuposto de que a língua não é uma entidade estática, mas sim um fenômeno dinâmico e em constante evolução. Dessa forma, a variação linguística deve ser considerada como um aspecto central na análise linguística. Diante das mudanças que ocorrem na linguagem, os estudos sociolinguísticos tendem a levar em consideração as diferentes manifestações linguísticas, sendo assim:

O fenômeno da diversidade linguística em cada sistema é diferente do que entendemos por multilinguismo. Um país pode conviver com mais de uma língua, como é o caso do Brasil: somos plurilíngues, pois, além do português, há em nosso território cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afora as populações bilíngues que dominam igualmente o português e línguas do grupo românico, anglo-germânico e eslavo-oriental, como em comunidades multilíngues, português/italiano, português/espanhol, português/alemão, português/japonês (MOLLICA e BRAGA, 2017, p. 10).

A variedade linguística presente no Brasil é resultado de uma história de contato entre diferentes grupos étnicos e culturas, resultando em uma rica diversidade linguística. Essa variedade reflete a pluralidade cultural e étnica do país, contribuindo para a identidade e a riqueza linguística da nação. A diversidade linguística presente no Brasil é resultado de uma língua que falada sofre variação linguística em diferentes lugares, o que diferencia de um indivíduo ser falante de mais de uma língua. Pois o território brasileiro além do português sua língua materna, existem a língua indígena dentre outras que dominam e coincidem entre si.

O fato é que a língua é um fenômeno social e que está estabelecido a se desenvolve entre os falantes da língua, e que de acordo com a necessidade linguística podem ocorrer mudanças para que se tenha comunicação. Esse fenômeno envolve a história, a cultura da comunidade dos falantes durante um determinado tempo.

Certamente o que une a fala das pessoas em quem pensamos é o fato de elas falarem o português. Observamos também que, embora todas elas falem a mesma língua, existem algumas características que diferenciam a fala de um determinado grupo social da fala de outro grupo (COELHO *et al.*, 2018, p. 14).

Sob o mesmo ponto de vista, somos falantes da mesma língua portuguesa que possibilita a compreensão entre as variantes em um diálogo. Porém, apesar da língua ser a mesma, a fala é individual e isso se limita a um grupo social, o que pode causar diferença entre eles durante uma conversa. A respeito disso:

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. Para um sociolinguístico, o fato de uma comunidade, ou mesmo na fala

de um único indivíduo, conviverem tanto a forma “tu” quanto a forma “você” não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento. A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas a nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente (COELHO *et al.*, 2018, p. 16).

As autoras usam de um exemplo específico de variação linguística mencionado na citação que é a coexistência das formas "tu" e "você" em uma comunidade ou mesmo na fala de um único indivíduo. Isso significa que diferentes pessoas ou grupos podem preferir usar uma forma ou outra para se referir a segunda pessoa, mas isso não compromete a comunicação entre eles. O fato de as pessoas se entenderem mesmo usando formas diferentes demonstra a flexibilidade e adaptabilidade das línguas.

Percebe-se que no dia a dia conversamos com diferentes pessoas, em casa, trabalho ou na rua, são compreensíveis, muitas vezes, nos depararmos com a diversidade linguística que ao nosso redor, causa um estranhamento ao não ser familiarizado ao contexto da conversa. O falante da língua tem a escolha da palavra que quer usar no momento do diálogo em determinado contexto social.

É essa pluralidade da língua portuguesa e a fala de cada um que possibilita a diversidade linguística que tanto dá sentido ao português, que muitas vezes é “complicada” como diz alguns falantes, mas que não chega a interromper a interação entre os interlocutores da fala. No entanto:

Há outras variáveis que podem influenciar a variação, além das mencionadas acima. Assim, por exemplo, o grau de formalidade do item é um fator relevante: o “r” final de um verbo menos usado, como “postergar”, tem maior chance de ser pronunciado do que um verbo do dia a dia, como “falar”. O contexto fonológico da sequência que segue é também relevante. Com efeito, a presença de um fonema vocálico na palavra seguinte favorece a manutenção do fonema consonantal por um processo de reorganização da sílaba, como em “pegar_a criança”, enquanto um som consonantal desfavorece a presença dessa variante de prestígio, como em “toma_r_banho” (MARTELOTTA, 2018, p. 144).

O uso da variante em que o autor menciona é a questão no momento em que ela é pronunciada, o que causa a ausência dessa variante que seria o “r” no final do verbo. Podemos perceber que muitas das vezes ocorre sem nem menos perceber quando estamos falando. Esse processo ocorre porque está dentro de um contexto fonológico, que acontece no momento da fala, dando modificações nos sons desses vocábulos. Esse fator se dá pela escolarização de cada falante, pois, tendem a perceber com uso contínuo da escrita. Isto quer dizer que:

Na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a

comparação entre dialeto padrão – considerado correto, superior, puro – e os dialetos não padrão – considerados incorretos, inferiores, corrompidos. A variante padrão é ensinada na escola e valorizada pelos membros da sociedade, tanto pelos que a dominam como pelos que gostariam de dominá-la, posto que saibam da sua importância para se adquirir prestígio (MARTELOTTA, 2018, p. 145).

De acordo com o autor, a maneira como falamos é como somos visto diante da sociedade. Essa diferença linguística que leva o falante a ser vistos com mais prestígio diante da sociedade e perante seus grupos sociais. As interferências dessas variantes são percebidas pelos que usam da formalidade e têm conhecimento disso e até mesmo pelos que tem a fala mais estigmatizada. Isso porque temos consciência das normas e regras da língua, ou seja, é na fala que essas variantes se manifestam e é dessa maneira que podemos ser vistos e mais valorizados dentro de uma comunidade linguística. Diante disso, certamente:

O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. Dependendo da situação em que o falante se encontre, ele utiliza mecanismos linguísticos diferentes para se expressar. Assim, a sua linguagem apresenta diferenças lexicais, gramáticas e fonéticas distintas, devido ao contexto, ao ouvinte ou ao meio através do qual a informação é transmitida (fala ou escrita carta, e-mail, artigo, etc.) (MARTELOTTA, 2018, p. 145).

Quer dizer que, num contexto situacional o falante desenvolve uma construção cognitiva diante da situação comunicativa, ou seja, o falante sabe os mecanismos para utilizar mediante a fala e empregar as variantes mais prestigiadas, ou não, dependendo de onde e com quem se comunica. Sendo assim, o falante possui diferenças lexicais, gramaticais e fonéticas distintas que decorrem do contexto, do ouvinte ou do meio de comunicação. É interessante conceituar os fatores que influenciam na variação linguística e mencionar suas classificações, entre elas:

A fonética trabalha os sons propriamente ditos, como eles são produzidos, percebidos e que aspectos físicos estão envolvidos em sua produção. A fonologia opera com a função e organização desses sons em sistemas. Por exemplo, a fonética discute a produção de sons como o ‘s’, o ‘m’ e o ‘r’. No entanto, em algumas línguas é possível que uma sílaba seja formada pela sequência desses sons no início de uma mesma sílaba (por exemplo, em serbo-croata *smrad* ‘fedor’), enquanto em outras línguas essa sequência é evitada (por exemplo, em português, em que não há três sons consonantais seguidos numa mesma sílaba). Essas diferenças combinatórias são estudadas pela fonologia (FIORIN, 2017, p. 09).

Uma síntese as palavras do autor, a fonética se concentra na descrição e análise concreta dos sons da fala, incluindo sua produção e percepção, enquanto a fonologia estuda a organização e a função desses sons em sistemas linguísticos. A fonética investiga os sons individualmente, enquanto a fonologia analisa os padrões e regras que governam sua

combinação e uso em uma língua específica. O exemplo fornecido ilustra uma diferença fonética-fonológica específica relacionada à combinação de sons em diferentes línguas. Já a morfologia se conceitua em:

[...] frequentemente definida como a área da linguística que estuda “a forma das palavras”. Restaria acrescentar, para completar o domínio de investigação da morfologia, que, a partir de CONT-AR, também podemos obter outra série de palavras: conto, contista, contador, conta, contagem. Embora sejam formas associadas a CONTAR, não podemos afirmar que sejam formas diversas do mesmo lexema, pois cada novo termo possui um significado lexical próprio e constitui, portanto, um novo lexema (FIORIN, 2017, p. 60).

O autor nos leva a entender que o domínio de investigação da morfologia vai além da simples análise das formas das palavras. Envolve também o estudo dos processos de derivação e formação de palavras, assim como a relação entre as diferentes formas e os significados lexicais correspondentes. Portanto, para uma análise completa da morfologia, é necessário considerar não apenas as formas das palavras, mas também os lexemas subjacentes e os significados lexicais associados a cada forma derivada. Isso nos permite compreender a complexidade e a riqueza do sistema morfológico de uma língua. No que diz respeito variação sintática:

Nossa competência linguística nos ajuda a perceber que as sentenças de nossa língua não são o resultado da mera ordenação de itens lexicais em uma sequência linear. Sem nunca ter passado por um aprendizado formal a respeito desse assunto, sabemos que uma sequência de palavras como menino bicicleta da caiu não é uma sentença do português. Ao mesmo tempo, sabemos que, para termos uma sentença do português formada por esses mesmo itens lexicais, precisamos, antes, fazer combinações intermediárias: compor o menino; compor da com bicicleta; compor caiu com da bicicleta; e, finalmente, compor o menino com caiu da bicicleta. Sabemos, portanto, que a estrutura da sentença não é linear, mas sim hierárquica (FIORIN, 2017, p. 82).

De acordo com o autor, compreende-se que a estrutura das sentenças é hierárquica está relacionada à ideia de que as palavras se agrupam em constituintes, ou seja, unidades que funcionam como blocos coesos dentro da sentença. Esses constituintes podem ser formados por uma palavra sozinha (como "menino") ou por um grupo de palavras que funcionam juntas (como "caiu da bicicleta"). Essa organização hierárquica permite que entendamos a relação sintática e semântica entre as palavras e os constituintes dentro de uma sentença. Essa compreensão intuitiva da estrutura hierárquica das sentenças é um aspecto fundamental de nossa competência linguística. Ela nos permite formar e compreender sentenças gramaticalmente corretas, mesmo sem termos recebido um ensino explícito sobre a estrutura

da língua. É um reflexo de nossa capacidade inata de processar e compreender a linguagem de maneira eficiente. Em relação variação discursiva:

Dados interessantes são encontrados com relação às palavras que encadeiam trechos discursivos, desempenhando o papel de conectores, como conjunções ('e', 'mas', 'portanto' etc), expressões de natureza adverbial ('ai', 'assim', 'assim', 'então', 'consequentemente', 'quanto a', 'por outro lado', etc.), marcadores discursivos ('quer dizer', 'digamos assim' etc.), entre outros, usados na fala e na escrita (COELHO *et al.*, 2018, p. 29).

Conforme as autoras, esses conectores têm um papel fundamental na estruturação e coesão dos textos, uma vez que estabelecem relações lógicas, temporais, causais, de contraste, entre outras, entre as partes de um discurso. Eles permitem ao falante ou escritor expressar conexões e relações entre ideias, argumentos, eventos ou informações, facilitando a compreensão e a organização do texto para o receptor. Ao utilizar esses conectores de forma adequada, o falante ou escritor consegue tornar seu discurso mais coeso, coerente e estruturado, permitindo ao interlocutor ou leitor acompanhar o raciocínio de forma clara e fluente. E em relação à variação regional pode se dizer que:

A variação regional pode ser estudada ao se oporem diferentes tipos de unidades espaciais: podemos dizer que existe variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre o Nordeste e o Sul do Brasil (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis e falantes de Ribeirão da ilha (dois bairros de uma mesma cidade). É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior (COELHO *et al.*, 2018, p. 39).

De acordo com a autora, a variação regional existe em qualquer lugar do mundo, no Brasil, nas capitais, cidades, município e regiões ribeirinhas, e mesmo em regiões próximas pode haver diferenças linguísticas, pois, o nosso português apresenta variantes entre falantes até de um mesmo lugar. Podemos ter como exemplo até mesmo o lugar onde vivemos, comparando as variantes do município com nossas comunidades ribeirinhas, em que fica evidente a fala mais simples e estigmatizada.

Essas variações linguísticas ocorrem devido às variantes existentes no meio social em que a língua é utilizada. Dessa forma, mesmo que sejam falantes da mesma língua, muitas vezes não é compreensível para o ouvinte. O estudo da variação regional é importante não apenas para compreender a diversidade linguística, mas também para promover uma valorização das diferentes formas de falar presentes em uma sociedade. Reconhecer e respeitar a variação regional contribui para uma perspectiva linguística mais inclusiva e para o fortalecimento da identidade linguística de cada região. Seguindo os conceitos de variações

linguísticas, temos aqui a variação social:

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social ou diastrática. Os principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária (COELHO *et al.*, 2018, p. 40-41).

Conforme as autoras destacam a existência da variação social ou diastrática na fala, ou seja, a maneira pela qual a fala pode refletir diferentes características sociais dos falantes. Essa variação linguística está relacionada a fatores sociais específicos e pode ser influenciada pelo grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária dos falantes. Pessoas com maior escolaridade tendem a ter um repertório linguístico mais formal e a utilizar uma variedade mais padronizada da língua. O nível socioeconômico também desempenha um papel na variação linguística. Grupos socioeconômicos diferentes podem apresentar diferenças linguísticas em termos de vocabulário, pronúncia, sintaxe e estilo de fala. O sexo/gênero é outro fator que pode influenciar e se manifestar em diferenças de estilo de fala, escolha vocabular e entonação. A faixa etária também pode ser um fator relevante na variação linguística e podem apresentar diferenças linguísticas em termos de vocabulário, expressões idiomáticas, etc. O estudo dessa variação é essencial para compreendermos a relação complexa entre língua e sociedade. E por fim temos a variação estilística que se conceitua da seguinte forma:

[...] decorre, em suma, da adequação que os interlocutores fazem de sua fala ao contexto geral em que ocorre a comunicação. Certamente, em situações mais informais, usamos uma fala mais coloquial. Essas duas linguagens são chamadas, respectivamente, de registro formal e registro informal. Assim como escolhemos uma roupa para cada situação, também escolhemos (consciente ou inconscientemente) a língua que vamos usar em diferentes contextos comunicacionais (COELHO *et al.*, 2018, p. 46).

As autoras destacam a noção de adequação da fala ao contexto geral da comunicação. Os interlocutores têm a capacidade de ajustar sua fala de acordo com o ambiente em que estão inseridos. Em situações mais formais, espera-se o uso de uma linguagem mais padrão, enquanto em situações informais é comum utilizar uma fala mais coloquial. Essas diferentes formas de linguagem são denominadas registro formal e registro informal, respectivamente. A adequação da fala ao contexto é uma característica da comunicação humana, em que os interlocutores fazem escolhas linguísticas conscientes ou inconscientes para se adaptarem ao ambiente e às expectativas comunicacionais. Essa capacidade de ajuste é essencial para a

eficácia e a compreensão mútua na interação verbal.

1.2.2 O preconceito linguístico

O preconceito linguístico se torna cada vez mais evidente nas ações dos indivíduos e em suas atitudes perante a sociedade, julgando as pessoas pela maneira de se comportar, de se vestir, e principalmente na maneira individual de falar das pessoas. Nas escolas nos ensinam que a forma correta de falar é de acordo com a gramática normativa que aprendemos nas aulas de língua portuguesa. É certo que é a forma exigida no momento da escrita, mas na fala esse uso se torna bem complexo, mediante as variantes dos falantes. Outros motivos também são a estigmatização dos falantes por viverem em zonas rurais, periféricas ou até mesmo por ser pobre e com menos estudos. Essa estigmatização é a causa do preconceito linguístico que resulta quando relacionamos a linguagem formal com a linguagem informal no uso da língua que aprendemos nas escolas e que os professores ensinam por meio dos livros didáticos.

Em relação à língua escrita, seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de erro pela tentativa de acerto. Afinal, a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolinguístico (BAGNO, 2015, p. 179).

O autor destaca a importância de substituir a noção de erro pela perspectiva da tentativa de acerto no contexto da língua escrita. Propõe-se que, em vez de focar nos erros que os escritores possam cometer, seja valorizada a tentativa de acertar na produção escrita. Essa abordagem reconhece que a escrita é uma forma de análise da língua falada e que essa análise é influenciada pelo perfil sociolinguístico do escritor.

[...] como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja 'una', uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2015, p. 27).

Como visto, os estudos comprovam que a língua não é única e absoluta. Além, da língua não ser uniforme, ainda temos as variações que modificam e diversificam todos os níveis estruturais que rege a língua, no modo de falar, escrever, ouvir, além de toda a faixa etária e níveis de escolaridade. Pois, observamos no modo de falar das pessoas, uma distinção a linguagem formal e não formal dos falantes, ou seja, a existência de uma diversidade linguística a fala das pessoas a todo o momento.

Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar a situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, e assim por diante. Essa nova tentativa de adequação se baseia naquilo que consideramos ser o grau de aceitabilidade do que estamos dizendo por parte de nosso interlocutor ou interlocutores (BAGNO, 2015, p. 185).

O autor deixa claro que muitos de nós falantes temos a noção de uso da língua em determinada situação quando precisamos nos comunicar e ser compreendido, nesse caso, em diferentes situações fazemos uso da linguagem formal em casos mais específicos, noção, porque não exigem desse comportamento, ou seja, o falante está mais a vontade para se expressar utilizando das variantes necessárias que conhece, fazendo uso da linguagem informal. É claro que, nem todos falantes da língua tem essa noção de comportamento, nem consegue perceber, porque é a única maneira que consegue se comunicar, o levando a ser alvo de preconceitos linguísticos. O preconceito linguístico é a discriminação e desvalorização de determinadas formas de fala ou variedades linguísticas, considerando-as inferiores ou inadequadas em relação a uma suposta norma padrão. Em vista disso:

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como regras e padrões as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados, ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. (BAGNO, 1999, p. 80).

O teórico ressalta a relação entre a gramática normativa e a língua falada. O autor argumenta que a gramática normativa é uma tentativa de fixar regras e padrões com base nas manifestações linguísticas de escritores admirados, mas que, na realidade, a gramática normativa é subordinada à língua falada, sendo dependente dela. Essa inversão da realidade histórica contribui para a criação de preconceitos linguísticos, pois as variedades linguísticas que não se enquadram nos padrões normativos são desvalorizadas. A esse respeito:

As línguas fornecem também meios de constituição de identidade social. Por isso seria estranho, quando não ridículo, um velho falar como uma criança, uma autoridade falar como um marginal social, etc. Muitos meninos não podem usar a chamada linguagem correta na escola, sob pena de serem marcados pelos colegas, porque em nossa sociedade a correção é considerada uma marca feminina. As variações linguísticas são condicionadas por fatores internos da língua ou por fatores sociais, ou por ambos ao mesmo tempo (POSSENTI, 1996, p.35).

O autor destaca que as línguas são também meios de constituição de identidade social. A variação linguística está condicionada tanto por fatores internos da língua quanto por

fatores sociais, e as diferentes formas de falar podem ser associadas a estereótipos e marcadores sociais. O autor menciona que, em nossa sociedade, a correção linguística é muitas vezes considerada uma marca feminina, e crianças que não utilizam a chamada "linguagem correta" na escola podem ser alvo de estigmatização pelos colegas. Isso evidencia como o preconceito linguístico está ligado a questões de gênero e hierarquias sociais. Em outras palavras:

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (POSSENTI, 1996, p.29).

De acordo com o autor, o preconceito linguístico é mais acentuado quando se trata de variedades de uma mesma língua, em comparação com as diferentes línguas. Isso ocorre devido a razões históricas, culturais e sociais. Aceitar que outros falem de maneira diferente é mais comum do que aceitar que pessoas que deveriam falar a mesma língua se expressem de forma divergente. Esse preconceito linguístico restringe a liberdade de expressão e impõe uma norma única e restritiva. Em razão disso:

Nessa nova postura de reflexão, é indispensável que o professor procure, tanto quanto possível, estar sempre a par dos avanços das ciências da linguagem e da educação: lendo literatura científica atualizada, assinando revistas especializadas, filiando-se a associações profissionais, frequentando cursos, aderindo a projetos de pesquisa, participando de congressos, levantando suas dúvidas e inquietações em debates e mesas-redondas (BAGNO, 1999, p.141).

O autor destaca a importância de o professor estar atualizado sobre os avanços das ciências da linguagem e da educação para combater o preconceito linguístico. O professor deve buscar conhecimento através da leitura de literatura científica, participação em eventos acadêmicos e envolvimento em projetos de pesquisa. Essa postura reflexiva contribui para que o professor possa questionar e superar os preconceitos linguísticos em sala de aula, promovendo uma educação mais inclusiva e respeitando a diversidade linguística.

Dessa forma, a necessidade de desconstruir noções preconcebidas sobre a língua, compreender a influência da identidade social na forma de falar, reconhecer o preconceito linguístico como um problema social e buscar atualização e conhecimento como forma de combater esse preconceito. A variedade linguística é uma manifestação natural e enriquecedora da diversidade cultural, e é fundamental.

1.3 A ATITUDE LINGUÍSTICA DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

A melhor atitude em relação à diversidade linguística é o reconhecimento de que a língua é composta de variação que devem ser identificados de acordo com o ambiente de produção e a superação da discriminação baseada nos diferentes estilos de fala das pessoas por meio de atividades participativas prazerosas. Como lugar social, o espaço escolar deve sempre buscar valorizar a língua e a identidade cultural dos alunos, não devendo estigmatizar a mesma pessoa ou professor sob o argumento de que a língua materna ou o estilo de falar dos alunos está errado.

Nas comunidades, a maioria da população é indígena falantes da língua “Tikuna” em todo caso, existem alunos falantes da língua portuguesa e língua indígena. Contudo que, os professores de línguas, nativos da língua portuguesa trabalhem com atitudes de desenvolver a aprendizagem dos alunos sobre o conhecimento amplo que abrange a diversidade linguística sobre a língua portuguesa, certamente, possibilitará aos alunos o domínio variante local e da língua em aquisição. Não considerando que é de toda responsabilidade do professor de línguas, mas por intermédio do mesmo, cabe a ele, identificar os fatores interno e externos que influenciam na fala dos alunos da comunidade, levando em conta as perspectivas históricas, política, econômica, dentre outros da comunidade. A este respeito:

O modo como os falantes concebem o outro em seu cotidiano pode ser percebido, por exemplo, por meio da fala, como são externadas ações e “representações” sociais e culturais da comunidade. Ao tomarmos a língua como um conjunto estruturado, no qual estão representadas a relações sociais e a organização dos grupos reconhecemos que ela é determinada pelas condições de existência do homem no tempo e no espaço, e que, quanto à sua composição, organização e uso, a fala é resultado da relação dinâmica entre os elementos internos e externos da língua (BUSSE e SELLA, 2012, p.78).

Conforme as autoras, o professor pode observar as variações linguísticas dentro da sala de aula enquanto os alunos interagem entre si. Nessas observações que o professor tende a desenvolver o processo de acolhimento, o convívio com o aluno, buscando a interação entre culturas e línguas. Sendo assim:

Atua de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; é um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permitem ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes; e influi na aquisição de segundas línguas (AGUILERA, 2008, p.01).

A atitude do professor em ensinar uma língua para o aluno requer conhecer

subjetivamente alguns valores relacionados à crenças e culturas do falante de determinada língua. Essa atitude pode influenciar positivamente ou negativamente na aprendizagem do aluno, pois, é importante levar em consideração o comportamento linguístico do aluno e os impactos em sala de aula. Bagno e Rangel (2005, p. 63) argumentam que a educação linguística é “o conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre outras línguas, sobre todos os demais sistemas semióticos”. A socioculturalidade desempenha um papel fundamental na formação de competências comunicativas em diferentes línguas. Por exemplo, a exposição a diferentes contextos culturais e práticas comunicativas contribui para a compreensão das diferenças culturais e para a habilidade de se comunicar de forma apropriada em diferentes situações. Além disso, a interação com falantes nativos e com outros aprendizes de línguas proporciona oportunidades de prática e aprimoramento das habilidades linguísticas. O professor tende a levar em consideração a interação social e o comportamento linguístico do aprendiz.

Ao longo dos estudos sobre a linguagem, diferentes perspectivas se sucederam, umas mais centradas na língua como sistema em potencial, como conjunto de signos à disposição dos falantes, outras mais voltadas para os usos reais que os interlocutores fazem da língua, nas diferentes situações sociais de interação verbal (ANTUNES, 2007, p. 31).

Conforme a autora, a língua é um foco de estudo para entender a linguagem de um falante e explicar sobre sua competência ao adquiri-la, assim como ensinar o falante de outra língua, na qual a língua materna sobrepõe à língua em aprendizado. O professor terá que lidar com situações em que a língua materna ficará em conflito com a língua em aquisição pelo aluno, ou seja, haverá interferências na fala.

A atitude linguística se baseia em comportamentos em diversos grupos de etnias e falas. Levando em conta o convívio social e de fala entre os indivíduos. E isso, claro, gera influência em como nos colocamos diante de uma situação de convívio e em grupos, a maneira de pensar e reconhecer seus posicionamentos em sociedade. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura (BRASIL, 2018, p. 68).

A BNCC visa o comprometimento da valorização da diversidade linguística dentro do ambiente escolar. Nesse caso, como sabemos, cabe ao professor de línguas tomarem atitudes que amenizem e deixa de lado a estigmatização do falante e o preconceito linguístico. Pois, a desvalorização da língua impacta na estabilidade e no comportamento linguístico da comunidade. A esse respeito:

O aluno indígena deve tornar-se capaz de usar a(s) língua(s) do seu repertório linguístico para expressar-se oralmente, de forma eficiente e adequada as diferentes situações e contextos comunicativos. Ser leitor e escritor competente na(s) língua(s) onde essas competências for(em) jugada(s) necessárias(s) e relevantes(s) (BRASIL, 1998, 130).

Conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, o valor da diversidade linguística e reconhece que os alunos indígenas têm o direito de expressar-se em suas línguas maternas, além de desenvolverem habilidades de comunicação eficazes nas línguas dominantes da sociedade em que estão inseridos. O RCNEI destaca a importância de considerar as línguas indígenas como parte integrante do repertório linguístico dos alunos e valoriza seu uso em contextos educacionais. Ao reconhecer a diversidade linguística presente em sala de aula, é fundamental adotar uma abordagem inclusiva que respeite e promova a valorização das diferentes línguas faladas pelos alunos. Isso implica em criar um ambiente que encoraje e apoie o uso das línguas maternas, além de fornecer oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de comunicação nas línguas de uso mais amplo.

Nesse sentido, os professores desempenham um papel essencial ao promover a diversidade linguística em sala de aula. Eles devem ser sensíveis às necessidades linguísticas dos alunos indígenas, fornecendo apoio e recursos adequados para o desenvolvimento de suas competências linguísticas. Isso pode incluir o uso de materiais didáticos relevantes, a realização de atividades que valorizem as línguas indígenas, a criação de espaços de diálogo e intercâmbio cultural, e o incentivo à participação ativa dos alunos em sua própria aprendizagem. Ao reconhecer e valorizar a diversidade linguística em sala de aula, os professores contribuem para uma educação mais inclusiva e enriquecedora. Eles ajudam os alunos a desenvolverem uma consciência linguística ampliada, a fortalecerem sua identidade cultural e a se tornarem comunicadores competentes em diferentes línguas e contextos. A esse respeito:

Esta postura frente a variedade dialetal dos sujeitos sociais serve como forma de superar o preconceito linguístico existente quanto ao uso da norma padrão da língua,

nas multirelações e nos múltiplos contextos sociais, permitindo que o educador e o educando transitem entre as formas possíveis de expressão, no sentido de que reconheçam as tendências de variação da língua, em sua riqueza cultural, que é variedade dialetal do português brasileiro presente nas suas diferentes regiões do país. (SILVEIRA, 2018, p.03).

Em acordo com o autor, essa postura do professor é fundamental para criar um ambiente inclusivo e respeitoso, onde os alunos se sintam valorizados em sua forma de falar e se expressar. Ao reconhecer e aceitar as variações linguísticas presentes na sala de aula, o professor contribui para combater estereótipos e preconceitos linguísticos, promovendo o respeito pela diversidade linguística e cultural dos alunos. Ao permitir que os alunos transitem entre as diferentes formas de expressão linguística, o professor estimula o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos, levando-os a reconhecer as variações linguísticas como parte natural e enriquecedora da linguagem. Essa abordagem ajuda os alunos a se sentirem mais confiantes e seguros em sua forma de se comunicar, incentivando a valorização de sua identidade linguística e cultural.

Além disso, ao adotar uma atitude aberta e acolhedora em relação à diversidade linguística, o professor pode explorar e utilizar as diferentes variedades dialetais como recursos pedagógicos, enriquecendo as atividades de ensino e aprendizagem. Isso pode incluir a leitura de textos em diferentes variedades, discussões sobre as diferenças linguísticas e culturais, e a valorização das experiências e conhecimentos dos alunos relacionados às suas próprias formas de falar. A atitude do professor diante da diversidade linguística em sala de aula é crucial para promover uma educação inclusiva e respeitosa. Ao reconhecer, valorizar e explorar as variedades dialetais dos alunos, o professor contribui para a formação de cidadãos linguisticamente conscientes, capazes de se expressar e compreender a diversidade linguística que existe em seu contexto sociocultural. “de certa forma, as atitudes linguísticas influenciam a variação e as mudanças da língua tanto quanto o ensino da variedade culta e da variedade popular.” (MARQUES; ALMEIDA-BARONAS, 2015, p. 2), ressalta a importância das atitudes linguísticas do professor no processo de variação e mudança da língua, destacando que essas atitudes têm influência tanto quanto o ensino das variedades linguísticas cultas e populares.

Portanto, ao reconhecer a importância das atitudes linguísticas do professor, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e respeitoso, valorizando a diversidade linguística presente na sala de aula, promovendo a autoestima dos alunos e contribuindo para a formação de cidadãos linguisticamente conscientes e críticos.

1.4 O ENSINO DE LÍNGUAS NA ESCOLA INDÍGENA

No que diz respeito às línguas maternas indígenas, sua vitalidade deve ser mantida para não perder a cultura e a história dos povos indígenas. No que diz respeito ao processo de ensino das escolas tradicionais, é significativo realizar um ensino bilíngue direcionado e diferenciado.

As comunidades pertencentes ao Município de Amaturá adotam o Ensino da Língua Portuguesa aos alunos indígenas, já que muitas vezes a comunidade não tem a disposição professores nativos indígenas formados na área de línguas. A comunidade é composta por alunos bilíngues, falantes da língua portuguesa e língua indígena. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Portuguesa (PCNs). “o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidades de plena participação social” (BRASIL, 1998, p. 19), ou seja, o aluno que está aprendendo uma língua precisa ter estímulos para desenvolvê-la, não apenas aprender palavras soltas, mas ter noção de quando usar e a que usar a língua em aprendizagem. Dessa forma

O homem usa a linguagem para expressar seus pensamentos, suas emoções e sentimentos, seus sonhos, seus desejos e intenções; pode usá-la para convencer e para construir discursos políticos; para fazer poesias, descrições, fatos. (...) A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documento de identidade de um povo num determinado momento de sua história (BRASIL, 1998, p.113).

O aluno falante da língua indígena deve ser valorizado, e não deixado de lado por causa da maneira de se expressar. Pois assim, os alunos possam ter na língua portuguesa motivação para utilizá-la, já que fora da comunidade indígena da língua portuguesa é predominante, ou seja, é a língua mais usada. Sendo assim:

O bilíngue passa a ser alguém que usa mais de uma língua para atingir objetivos comunicativos em diferentes contextos sociolinguísticos. Essa reconceitualização traz novos desafios para os estudos do bilinguismo ao incluir dentro da categoria de bilíngue qualquer falante com competência comunicativa em mais de uma língua, independente de seu grau de fluência ou correção gramatical (AMARAL, 2011, p. 16).

Para o autor o aluno bilíngue é capaz de se comunicar independente das interferências, pois, está próximo de dominar a língua portuguesa, e mesmo assim manter sua língua materna

sem perdê-la no processo de aprendizagem. O que leva a observar também, a questão no momento da escrita com o uso da língua portuguesa com a língua indígena em contexto que não conheçam a utilização de devidas palavras fora da sua língua. “um indivíduo emerge através dos processos de interação social não como produto final, mas como alguém que é (re) constituído através das várias práticas discursivas das quais participa” (CAVALCANTI, 2006, p.242). O falante é um indivíduo em constante evolução e sobre isso é capaz de aprender uma nova língua e mesmo assim utilizar a língua materna em casa, amigos, pessoas mais próximas do seu convívio e o professor deve levar esses dados em consideração, ou seja, a aprendizagem de uma língua não quer dizer a desvalorização da língua materna. Com base no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI):

Para uma prática de avaliação múltipla e contínua, com caráter formativo (e não eliminatório), os instrumentos são variados e estão ao alcance do professor e do aluno. A produção dos alunos - oral, escrita, pictográfica, numérica, dramática - possibilita o uso de diferentes códigos e linguagens para a expressão das aprendizagens. Para incentivar esses momentos reflexivos, podem ser acionados pelo professor e seus alunos processos como debates, entrevistas, análise das produções ao longo do ano, resolução de questões e problemas, o diário de classe do professor, os relatórios de alunos, a auto-avaliação, as reuniões com a comunidade e as discussões com os assessores e outros professores nos cursos de formação (BRASIL, 1998, p. 70).

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas destaca a importância de uma prática de avaliação múltipla e contínua, com caráter formativo, para o ensino de língua aos alunos indígenas. ORCNEI ressalta que os instrumentos de avaliação devem ser variados e acessíveis tanto ao professor quanto ao aluno, de modo a possibilitar a expressão das aprendizagens por meio de diferentes códigos e linguagens, como oral, escrita, pictográfica, numérica e dramática.

Essa abordagem diversificada na avaliação reconhece a pluralidade de modos de expressão e de conhecimento presentes nas comunidades indígenas, levando em consideração as diferentes formas de aprendizagem e os contextos socioculturais em que os alunos estão inseridos. Ao utilizar diferentes instrumentos de avaliação, o professor proporciona aos alunos indígenas oportunidades de demonstrar seus conhecimentos e habilidades de maneiras diversas, respeitando suas particularidades linguísticas e culturais. Isso valoriza a autonomia e a autenticidade dos alunos na construção de seu aprendizado, promovendo a participação ativa e engajada no processo educativo. Além disso, a citação destaca a importância de momentos reflexivos, nos quais tanto o professor quanto os alunos podem analisar e discutir suas produções ao longo do ano. Esses momentos podem ocorrer por meio de debates, entrevistas,

análises das produções escritas e outras atividades que estimulem a reflexão e o diálogo entre todos os envolvidos no processo educativo. Portanto, a abordagem de avaliação múltipla e contínua proposta pelo RCNEI reconhecem a diversidade linguística e cultural dos alunos indígenas, valorizando suas formas de expressão e conhecimento. Ao oferecer diferentes oportunidades e instrumentos de avaliação, promove uma educação mais inclusiva, participativa e alinhada com a realidade sociocultural das comunidades indígenas. Sob o mesmo ponto de vista o Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação, no art. 78 conceitua:

[...] a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue, visando à reafirmação de suas identidades étnicas, à recuperação de suas memórias históricas, à valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional (BRASIL, 1999, p. 06).

A educação aos povos indígenas deve ser respeitosa com as origens dos alunos e com a língua que os alunos falam. Respeitando também seu povo, seu passado e sua cultura, possibilitando ter conhecimento sobre seus direitos de uma educação inclusiva. Vale ao professor levar em consideração os aspectos sociais e linguísticos da comunidade, pois como segunda língua deve ser significativa a contextualização da aprendizagem da linguagem do aluno indígena. E dessa forma, “Este ambiente proporcionaria novos modos de se ver ensino, que levaria em conta os indivíduos que estão em sala de aula, considerando assim a diversidade, e percebendo que devemos tratar diferentemente públicos diversos, heterogêneos e complexos” (BORGES, 2012, p. 40), dessa maneira, destaca a importância de criar um ambiente de ensino que leve em consideração a diversidade dos indivíduos presentes em sala de aula. Essa abordagem reconhece que cada aluno é único, com características, habilidades e necessidades diferentes, e que o ensino deve ser adaptado para atender a essas diferenças.

Ao considerar a diversidade dos alunos, o professor reconhece a heterogeneidade e complexidade do público escolar, levando em conta aspectos como origem cultural, experiências de vida, estilos de aprendizagem e habilidades linguísticas. Essa abordagem valoriza a individualidade de cada aluno e busca oferecer oportunidades justas de aprendizagem para todos. Ao tratar diferentemente públicos diversos, o professor reconhece a importância de adotar estratégias e abordagens pedagógicas flexíveis, que atendam às necessidades específicas dos alunos. Isso pode envolver o uso de diferentes materiais didáticos, métodos de ensino variados, atividades adaptadas e o desenvolvimento de interações significativas em sala de aula.

Além disso, essa abordagem do professor enfatiza a importância de criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde os alunos se sintam valorizados e respeitados em sua diversidade. Isso envolve o estabelecimento de uma comunicação aberta e empática com os alunos, o estímulo à participação de toda a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos e a promoção de um clima de respeito e colaboração mútua. Nesse sentido, o ensino de língua deve ser concebido como uma oportunidade de desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, mas também como uma forma de promover o respeito à diversidade cultural e linguística, a conscientização sobre as diferentes formas de se comunicar e o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva em relação à língua.

Ao adotar essa abordagem que considera a diversidade e trata diferentemente os públicos diversos, o ensino de língua ganha em qualidade, eficácia e relevância, permitindo que todos os alunos tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente e alcançar seu potencial linguístico e comunicativo. O meio de abordagem de aprendizagem de formas lúdicas e práticas visam à realidade do aluno indígena em sala de aula e aproxima o professor e aluno no contexto escolar. A respeito disso:

Toda interação supõe efetivamente uma interpretação das significações dadas aos objetos dessa interação (indivíduos, ações, objetos materiais), e a criança vai agir em função da significação que vai dar a esses objetos, adaptando-se a reação dos outros elementos da interação, para reagir também e produzir novas significações que vão ser interpretadas pelos outros (KISHIMOTO, 2017, p. 27).

A citação de Kishimoto destaca a importância da interação e da interpretação das significações na metodologia do professor ao trabalhar com alunos. Segundo a autora, toda interação pressupõe uma interpretação das significações atribuídas aos objetos da interação, sejam eles indivíduos, ações ou objetos materiais. Nesse contexto, as crianças agem com base nas significações que atribuem a esses objetos, adaptando-se às reações dos outros elementos da interação e produzindo novas significações que serão interpretadas pelos demais.

Essa perspectiva ressalta a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a interação e o diálogo entre professores e alunos indígenas, “seja como for, a experiência lúdica aparece como um processo cultural suficientemente rico em si mesmo para merecer ser analisado mesmo que não tivesse influência sobre os outros processos culturais mais amplos” (KISHIMOTO, 2017, p. 32), ao considerar as significações atribuídas pelos alunos aos objetos de aprendizagem, o professor pode adequar suas estratégias e práticas pedagógicas, levando em conta as particularidades culturais, linguísticas e contextuais dos alunos indígenas.

Portanto, a metodologia do professor com alunos indígenas deve levar em conta a interação e a interpretação das significações atribuídas pelos alunos, reconhecendo sua autonomia e contribuindo para a construção de conhecimentos contextualizados e significativos. Essa abordagem pedagógica promove a valorização das culturas indígenas e a construção de uma educação mais inclusiva, respeitosa e enriquecedora para todos os envolvidos no processo educativo. Além disso, o professor precisa usar de outras abordagens de atividades no processo educativo do aluno.

As atividades que o aluno faz ao longo do ano, escrevendo e desenhando contando histórias, de forma individual ou em grupo, servem para o professor e os alunos analisarem e refletirem sobre o processo educativo, mostrando os avanços e os problemas e indicando as mudanças necessárias para melhorar ainda mais as relações do ensinar e aprender (BRASIL, 1998, p. 72).

O RCNEI destaca a importância das atividades que os alunos indígenas realizam ao longo do ano, como escrever, desenhar e contar histórias, tanto de forma individual quanto em grupo. Essas atividades têm um propósito significativo no processo educativo, não apenas para os alunos, mas também para os professores. Essas práticas permitem que tanto o professor quanto os alunos analisem e reflitam sobre o processo de ensino-aprendizagem. Ao observar o desenvolvimento das habilidades de escrita, expressão artística e narração de histórias dos alunos, o professor pode identificar os avanços e os desafios enfrentados pelos estudantes, bem como as estratégias pedagógicas mais eficazes.

A análise e a reflexão sobre as atividades realizadas pelos alunos possibilitam um acompanhamento mais próximo do progresso individual de cada estudante, levando em consideração suas particularidades e necessidades. Essa abordagem individualizada contribui para uma educação mais inclusiva e adequada ao contexto e às características dos alunos indígenas. Ao refletir sobre as atividades realizadas ao longo do ano, o professor e os alunos podem identificar as mudanças necessárias para aprimorar ainda mais a relação de ensino e aprendizagem. Essas mudanças podem envolver ajustes nas estratégias pedagógicas, na seleção de materiais didáticos, no ambiente de aprendizagem e na forma como o conhecimento é compartilhado e construído. E Libâneo (2013, p. 28) complementa que “O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções”. E conforme o autor, o processo de ensino está ligado a atividades conjuntas de alunos e professores, em que

o professor toma a direção e tornam os alunos capazes de adquirirem conhecimentos, práticas em suas atividades, posicionamentos em suas crenças. Do mesmo modo, o autor afirma que:

Os métodos são determinados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos (LIBÂNEO, 2013, p.164).

O autor ressalta que, os recursos que o professor utiliza, referem-se a seus objetivos que possam englobar todo o processo de ensino e com isso realizar uma educação que ultrapasse os obstáculos e as adversidades que os alunos venham a ter durante as aulas.

Portanto, as atividades desempenham um papel essencial no processo educativo dos alunos indígenas. Elas não apenas permitem o desenvolvimento de habilidades linguísticas e artísticas, mas também servem como ferramentas de análise e reflexão, impulsionando a melhoria contínua do ensino e da aprendizagem, em sintonia com as necessidades e realidades dos estudantes indígenas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresentará esses dois aspectos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa: a localização da área de estudo e a elaboração da metodologia da pesquisa.

2.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Amaturá é um Município Brasileiro no interior do estado do Amazonas, Região Norte do país. Pertencente à Região Geográfica Intermediária de Tefé e Região Geográfica Imediata de Tabatinga, localiza-se a oeste de Manaus, capital do Estado distando desta cerca de 1.072 quilômetros. Ocupa uma área de 4758, 821 km² e sua população, estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020, era de 11736 habitantes, o que faz deste o quinquagésimo oitavo município mais populoso do estado do Amazonas e o menos populoso de sua microrregião. Seu lema é “o ser humano em primeiro lugar”, quem nasce em Amaturá é chamado de “Amaturaense”.

Ainda conforme o IBGE, Amaturá possui sua história ligada ao município de São Paulo de Olivença, pois emancipou-se do mesmo em 1981. De acordo com historiadores locais, o nome “Amaturá” provem da linguagem local onde índios, principalmente das etnias Cocama e Cambeba, chamavam um antigo cesto utilizado para carregar várias coisas, de Amaturá, posteriormente a pronuncia foi modificada para Amaturá, segundo conta o Frei da ordem dos Capuchinhos Menores Henrique Sampalmiere em seu livro “os segredos da Selva”.

Atualmente a administração do Município se encontra na gestão do Prefeito José Augusto Barrozo Eufrásio (2021-2024) e Vice Prefeito Evandro Lopes Nunes (Avante). Os principais grupos étnicos de Amaturá são: pardos (58%), brancos (17%), indígenas (18%) e negros (0,7%). A área urbana do município de Amaturá divide-se em 3 principais bairros: Centro, Santa Itelvina e São Francisco. Há diversas comunidades rurais no município, entre comunidades ribeirinhas e povoados.

Figura 1. Imagem da Escola Municipal Duque de Caxias



Fonte: Gonçalves, 2023.

E o campo de estudo fica situado na comunidade de Niterói fica situada no Rio Solimões de cima na Zona Rural pertencente a Município de Amaturá-AM, possui uma Escola Municipal Duque de Caxias. Encontra-se abaixo a imagem da escola.

A escola anualmente apresenta entre 201 a 500 matrículas de escolarização e de acordo com registros do governo, possui cobertura da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Na escola trabalham 10 professores, entre eles dois atuando na Língua Portuguesa.

2.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as concepções dos professores de línguas em relação à diversidade linguística na sala de aula de uma escola municipal indígena localizada na comunidade de Niterói, no município de Amaturá-AM. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar a situação sociolinguística na comunidade de Niterói, no município de Amaturá-AM; analisar a atitude linguística dos professores de línguas frente à diversidade linguística na comunidade de Niterói, no Município de Amaturá; e inquirir os professores de línguas participantes da pesquisa quanto à metodologia utilizada por eles na sala de aula.

A pesquisa bibliográfica baseou-se na leitura de autores que abordam a diversidade linguística, as atitudes linguísticas, a variação sociolinguística, a educação bilíngue e o ensino de línguas em contextos multilíngues e multiculturais. Conforme mencionada por (Gil 2002, p.44) a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica proporcionou embasamento teórico relevante para a pesquisa. Dentre eles os autores como Martellota (2018), Gil (2008), Fiorin (2018), Brasil (1998), Bortoni-Ricardo (2005), Braga (2017), Antunes (2007), Bagno (2015), entre outros fornecerão embasamento para compreender a relação entre língua, cultura, identidade e educação.

A abordagem de pesquisa adotada foi qualitativa, pois buscou-se investigar as percepções dos professores de língua em relação à diversidade linguística presente na sala de aula. Segundo Marconi e Lakatos (2005, 269), “a metodologia qualitativa permite uma análise mais aprofundada dos aspectos complexos do comportamento humano”. Nesse sentido, compreender a comunidade de pesquisa é essencial para estabelecer uma relação próxima

com os participantes e obter informações relevantes para a pesquisa, concentrando-se nas concepções e atitudes dos professores de língua portuguesa em relação aos alunos indígenas.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Duque de Caxias, com a participação de dois professores de línguas, um de Língua Portuguesa e outro de Língua Espanhola. Foi aplicado um questionário com 10 perguntas abertas, destinado a obter respostas que serviram de base para obter os resultados da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2003), “o questionário é um instrumento de coleta de dados composto por uma série ordenada de perguntas, respondidas por escrito e sem a presença do participante”. Os professores concordaram em contribuir com a pesquisa e forneceram as respostas dentro do prazo estipulado.

A pesquisa exploratória proporciona um conhecimento inicial sobre temas e fatos que são menos estudados e menos conhecidos, “essas pesquisas têm com o objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições” (GIL, 2002, p. 41). Essa etapa inicial visa preparar o terreno para uma investigação mais aprofundada no tema posteriormente. Por meio desse estudo exploratório, obteve-se resultados relevantes sobre a realidade sociolinguística de Niterói, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a diversidade linguística em contextos educacionais. Dentre as perguntas aplicadas, foram analisadas 8 perguntas, de acordo com os objetivos. Para a análise discursiva da temática, utilizou-se o método descritivo, esse método de “pesquisa que tem por objetivo levantar a opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2002, 42) apresentando os resultados obtidos na pesquisa.

Na análise dos dados, foi empregado o método indutivo. Segundo Lakatos e Marconi (2007), o método indutivo busca inferir uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas. Assim, o objetivo dos argumentos indutivos é chegar a conclusões cujo conteúdo seja mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam. Esse método auxiliou na interpretação dos resultados obtidos na pesquisa. Com base nos resultados alcançados, pode-se afirmar que os professores de línguas levam em consideração e reconhecem que a língua é composta por variações. Esse processo permitirá uma compreensão mais aprofundada das concepções e atitudes dos professores diante da diversidade linguística, bem como o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas para o ensino de Língua Portuguesa aos alunos indígenas.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as concepções dos professores de língua em relação à diversidade linguística presente em sala de aula, bem como suas atitudes em relação às crenças dos alunos e o uso adequado da metodologia que valorize a variação linguística. Nesta seção, descreveremos a população estudada e como foram obtidos os dados. Em seguida, realizaremos a análise descritiva dos dados obtidos por meio do questionário aplicado aos professores de língua e as conclusões acerca da análise discursiva.

3.2 MATERIAIS E MÉTODOS

A população estudada é composta por dois professores de língua que atuam na Escola Municipal Duque de Caxias, uma Escola Indígena na Comunidade de Niterói, situada no município de Amaturá-AM. Para obter os resultados, foi aplicado um questionário aos professores não indígenas sobre a problemática do projeto. O questionário abrangeu informações como nome, idade, raça/etnia, grau de escolaridade, curso de graduação e local de estudo, além das 10 questões que possibilitaram a conclusão dos objetivos da pesquisa.

As respostas obtidas por meio do questionário aplicado aos professores foram apresentadas por meio de uma análise descritiva, de acordo com os objetivos da pesquisa, que abrangem a análise da situação sociolinguística, das atitudes e das metodologias dos professores de letras em relação à diversidade linguística em sala de aula.

3.3 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS

A análise descritiva dos dados baseia-se nas informações dos dois professores (que passarão a ser chamados de “professor 1”, “professor 2”, um de língua portuguesa e outro de língua espanhola, obtidas por meio da aplicação do questionário em anexo. Embora o questionário contenha 10 questões, apenas 8 questões foram selecionadas para a elaboração das análises de dados. Abaixo será apresentada a análise descritiva das perguntas e respostas por meio de tópicos: identificação sociolinguística; atitude linguística do professor e metodologia utilizada pelos professores que revelam aspectos relevantes para compreender as concepções e práticas dos professores de línguas em relação à diversidade linguística na sala

de aula, correspondendo aos objetivos propostos. Daremos início pela identificação dos professores participantes.

3.3.1 Perfil dos professores

Quadro 1–Identificação dos professores de línguas.

Participantes da entrevista	Idade	Raça/Etnia	Grau de escolaridade	Curso de graduação e local de estudo	Anos de atuação no magistério
Professor 1	39	Parda	Ensino Superior	Língua e Literatura Portuguesa/ Universidade do Amazonas (UEA)	8 anos
Professor 2	28	Parda	Ensino superior com especialidade	Letras – Língua Portuguesa e Língua Espanhola/Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	5 anos

Fonte: Gonçalves, 2023.

Os dados fornecidos referem-se aos participantes da entrevista, que são os dois professores envolvidos na pesquisa. O professor 1, tem a idade de 39 anos, de raça/etnia parda, com grau de escolaridade em nível superior no curso de graduação Língua e Literatura Portuguesa na Universidade do Amazonas (UEA) e atua há 8 anos no magistério. O Professor 2, tem idade de 28 anos, de raça/etnia parda, com grau de escolaridade no Ensino Superior em Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com especialidade e atua há 5 anos no magistério.

Essas informações são relevantes para caracterizar os participantes da pesquisa e entender o contexto em que desenvolvem suas práticas pedagógicas. A idade, a formação acadêmica, a especialização e a experiência no magistério podem influenciar suas concepções e práticas em relação à diversidade linguística na sala de aula. Após a análise descritiva do perfil dos professores, daremos início a análise descritiva da primeira pergunta do questionário em relação a situação sociolinguística na sala de aula. Vejamos o quadro abaixo.

3.3.2 Situação sociolingüística na sala de aula

Quadro 2 – língua utilizada pela comunidade e pelos alunos em sala de aula.

01) Qual a língua utilizada pelo povo da comunidade e pelos alunos em sala de aula? Ou quais línguas?
Professor 1: “ <i>Língua materna (tikuna) e língua portuguesa.</i> ”
Professor 2: “ <i>Língua portuguesa.</i> ”

Fonte: Gonçalves, 2023.

Através dessa análise descritiva, podemos perceber que ambas as respostas mencionam a língua portuguesa como uma das línguas utilizadas tanto pela comunidade quanto pelos alunos em sala de aula. No entanto, a resposta do professor 1 destaca também a presença da língua materna (tikuna). Essa informação sugere a existência de bilinguismo na comunidade e na sala de aula, com o uso tanto da língua materna (tikuna) quanto da língua portuguesa. A inclusão da língua materna no contexto de ensino pode ter implicações importantes para a compreensão dos alunos, especialmente considerando as diferenças estruturais entre as línguas. Sendo assim, “o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua” (MAHER, 1996, p. 57), é relevante considerar a importância de estratégias pedagógicas que valorizem e respeitem a diversidade linguística dos alunos, promovendo a valorização da língua materna e ao mesmo tempo desenvolvendo habilidades na língua de instrução, como a língua portuguesa. Isso pode contribuir para a comunicação mais efetiva e inclusiva em sala de aula.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS). “O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1997, p.15), os alunos indígenas ainda utilizam da língua materna em sala de aula, pois é a única de seu domínio, outros já utilizam a língua que mais convém, ou seja, a língua portuguesa. Em relação à língua falada pelos alunos, analisaremos qual a “melhor” língua a ser ensinada aos alunos pelos professores. Desse modo, é importante ressaltar, que esta pergunta foi feita propositalmente com o intuito de fazer com que sujeitos da pesquisa refletissem a respeito da questão apresentada, já que não existe língua melhor ou pior. Vejamos o quadro 3.

Quadro 3 – Melhor língua a ser ensinada aos alunos.

02) Qual a melhor língua a ser ensinada aos alunos?
--

Professor 1: *“Penso que todas são necessárias para o convívio social, para ser compreendida.”*

Professor 2: *“Não existe melhor língua, cada uma tem a sua especificidade, o que precisa ser feito, é adequar a forma de ensino de como ensinar, hoje as abordagens de ensino ganham destaque para isso.”*

Fonte: Gonçalves, 2023.

Ao analisar a pergunta “Qual a melhor língua a ser ensinada aos alunos?” e as respostas fornecidas pelos professores, podemos observar diferentes perspectivas em relação ao ensino de línguas. Na resposta do professor 1, o foco está na importância de todas as línguas para o convívio social e a compreensão mútua. Essa perspectiva valoriza a diversidade linguística e reconhece a relevância de aprender diferentes idiomas para uma comunicação efetiva e uma maior interação entre os indivíduos. E de acordo com a Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas “a inclusão de mais de uma língua indígena no currículo não só é possível, mas desejável, pois contribui para demonstrar claramente o pluralismo linguístico existente no país e para favorecer o estabelecimento de alianças interétnicas” (BRASIL, 1998, p.115). Ou seja, ressalta a importância e a relevância da inclusão de mais de uma língua indígena no currículo escolar. Essa abordagem reconhece e valoriza o pluralismo linguístico existente no país, bem como promove a formação de alianças interétnicas.

Em resumo, a inclusão de mais de uma língua indígena no currículo escolar é uma abordagem que valoriza a diversidade linguística e cultural do país, fortalece a identidade indígena, promove o respeito intercultural e cria oportunidades de interação e aprendizado entre as comunidades indígenas. Implica dizer que faz parte de todo indivíduo ter direito de aprender uma nova língua. Isso contribui com o conhecimento pessoal do aluno indígena.

Por outro lado, a resposta do professor 2, enfatiza que não existe uma única “melhor” língua a ser ensinada. Cada língua tem suas particularidades e especificidades, e o objetivo deve se adequar a forma de ensino às necessidades dos alunos. “Usar a(s) língua(s) do seu repertório linguístico para expressar-se oralmente, de forma eficiente e adequada às diferentes situações e contextos comunicativos” (BRASIL, 1998, p.121). Nesse sentido, as abordagens de ensino desempenham um papel importante, oferecendo diferentes estratégias e métodos para atender às demandas e características dos estudantes. Essas respostas destacam a importância de considerar a diversidade linguística e as necessidades dos alunos ao decidir qual língua ensinar. Não há uma resposta definitiva sobre qual língua é a melhor, mas é fundamental adaptar o processo de ensino de acordo com as circunstâncias e os objetivos

pedagógicos. Em relação à diversidade linguística, analisaremos a seguir a terceira pergunta referente à diversidade linguística existente em sala de aula e se é levada em consideração pelos professores. Vejamos o quadro 4.

Quadro 4- Diversidade linguística na sala de aula.

03) Em relação às aulas, a diversidade linguística existente na sala de aula é levada em consideração? Justifique.
Professor 1: <i>“Sim, são respeitadas de acordo com a interação, nas diferentes formas do falar.”</i>
Professor 2: <i>“É indiscutível isso, o objeto de conhecimento deve ser apresentado e exemplificado dentro da realidade do aluno e com a sua diversidade.”</i>

Fonte: Gonçalves, 2023.

E com base na resposta do professor1, podemos analisar que a diversidade linguística na sala de aula é levada em consideração por meios da interação entre os alunos. Isso inclui o respeito pelas diferentes formas de falar dos estudantes, reconhecendo variedades de linguagens presentes e promovendo a inclusão.

Já na resposta do professor 2, ele reforça a importância de considerar a diversidade linguística nas aulas. O professor destaca que o objeto de conhecimento deve ser apresentado e exemplificado de acordo com a realidade do aluno, levando em conta a diversidade presente na sala de aula. Isso demonstra a conscientização do professor sobre a necessidade de adaptar sua prática pedagógica para atender as características linguísticas do estudante indígena.

Ambas as respostas evidenciam a preocupação em valorizar e respeitar a diversidade linguística, reconhecendo que cada aluno possui sua própria forma de se expressar. Isso contribui para um ambiente de aprendizagem inclusivo e que valoriza as diferentes individualidades linguísticas dos estudantes. Conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998):

O aluno indígena deve tornar-se capaz de usar a(s) língua(s) do seu repertório linguístico para expressar-se oralmente, de forma eficiente e adequada às diferentes situações e contextos comunicativos. Ser leitor e escritor competente na(s) língua(s) onde essas competências for(em) julgada(s) necessária(s) e relevante(s) (BRASIL, 1998, p. 130).

O RCNEI reforça a importância de os alunos indígenas serem capazes de se expressar oralmente de forma eficiente e adequada nas diferentes situações e contextos comunicativos usando as línguas de seu repertório linguístico. Essa diretriz enfatiza a necessidade de

valorizar e fortalecer as línguas indígenas, reconhecendo sua importância para a expressão da identidade e a participação plena dos alunos na sociedade.

Esta postura frente a variedade dialetal dos sujeitos sociais serve como forma de superar o preconceito linguístico existente quanto ao uso da norma padrão da língua, nas multirelações e nos múltiplos contextos sociais, permitindo que o educador e o educando transitem entre as formas possíveis de expressão, no sentido de que reconheçam as tendências de variação da língua, em sua riqueza cultural, que é a variedade dialetal do português brasileiro presente nas suas diferentes regiões do país (SILVEIRA, 2018, p. 03).

A partir dessas discussões, pode-se afirmar que as respostas dos professores estão em consonância com as diretrizes pedagógicas que buscam promover uma educação inclusiva, sensível à diversidade linguística e cultural. Ao levar em consideração a diversidade linguística na sala de aula, os professores contribuem para a construção de um ambiente de aprendizagem que valoriza a identidade dos alunos indígenas e promove a sua participação ativa no processo educacional. Finalizamos aqui a análise descritiva referente ao primeiro objetivo, a situação sociolinguística na comunidade de Niterói e daremos início ao segundo objetivo, sobre a atitude linguística do professor.

3.3.2 Atitudes Linguísticas do Professor

Diante a atitude linguística do professor de línguas faremos uma análise descritiva das três perguntas do questionário referente à importância do ensino de língua e a valorização das línguas faladas em sala de aula. Vejamos o quadro 5.

Quadro 5 - Importância do ensino de língua portuguesa e valorização das diferentes línguas faladas em sala de aula.

04) Você acha importante o professor ensinar a língua portuguesa e ao mesmo tempo valorizar as diferentes línguas faladas em sala de aula?

Professor 1: *“Sim, mesmo sabendo que é uma realidade complexa, mas que possibilita a participação de formas diferentes, ao mesmo tempo respeitar o modo de falar de cada um.”*

Professor 2: *“Isso é indispensável para o professor de línguas, suas práticas pedagógicas devem ter consonância com a diversidade em sala de aula, isso acabando atraindo muito o aluno com a Língua Materna. Pois, como bem temos conhecimento os alunos indígenas na qual é predominante a língua indígena, têm um cuidado ao falar e até mesmo um receio de se comunicar devido o sotaque.”*

Fonte: Gonçalves, 2023.

No quadro acima, ambas as respostas evidenciam a importância de o professor ensinar a língua portuguesa e, ao mesmo tempo, valorizar as diferentes línguas faladas em sala de aula. Na primeira resposta, o professor¹ destaca que essa realidade é complexa, porém possibilita a participação de formas linguísticas diferentes, respeitando o modo de falar de cada aluno. Isso demonstra consciência da diversidade linguística presente na sala de aula e a valorização das diferentes formas de expressão dos estudantes. “Este ambiente proporcionaria novos modos de se ver ensino, que levaria em conta os indivíduos que estão em sala de aula, considerando assim a diversidade, e percebendo que devemos tratar diferentemente públicos diversos, heterogêneos e complexos” (BORGES 2012, p. 40). Considera os comportamentos e influências sociais envolvidas nas atitudes em relação à diversidade linguística são essenciais para promover uma mudança real e duradoura na valorização das diferentes línguas faladas na sala de aula.

Já na segunda resposta, o professor afirma que é indispensável para o professor de línguas terem práticas pedagógicas que estejam de acordo com a diversidade linguística em sala de aula. Ele enfatiza que essa abordagem acaba atraindo especialmente aos alunos com língua materna indígena, que tem um cuidado ao falar e podem ter receio de se comunicar devido ao sotaque. Essa resposta também mostra a preocupação em valorizar a língua materna dos alunos e criar um ambiente inclusivo de aprendizagem. A esse respeito:

Atitudes são os gostos e as antipatias. São as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo idéias abstratas e políticas sociais. [...] nossos gostos e antipatias têm raízes nas nossas emoções, no nosso comportamento e nas influências sociais que são exercidas sobre nós. Mas também repousam em bases cognitivas (BEM, 1973, p. 29).

O teórico acima traz uma reflexão sobre as atitudes humanas, incluindo gostos e antipatias. As atitudes são influenciadas por emoções, comportamento e influências sociais.

No contexto da discussão, isso pode ser interpretado como o reconhecimento de que nossas atitudes em relação à diversidade linguística são moldadas por fatores emocionais, comportamentais e sociais. Para promover uma valorização real das diferentes línguas faladas em sala de aula, é necessário considerar não apenas os aspectos cognitivos, mas também as emoções e comportamentos envolvidos.

A partir dessas discussões, pode-se afirmar que as respostas dos professores destacam a importância de ensinar a língua portuguesa e, ao mesmo tempo, valorizar as diferentes línguas faladas em sala de aula “de certa forma, as atitudes linguísticas influenciam a variação e as mudanças da língua tanto quanto o ensino da variedade culta e da variedade popular.” (MARQUES; ALMEIDA-BARONAS, 2015, p. 02). Essa abordagem promove uma educação inclusiva, sensível à diversidade linguística e cultural dos alunos. Reconhecer e respeitar as formas de falar de cada estudante contribui para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e enriquecedor, onde todos se sintam valorizados e encorajados a participar ativamente. Além disso, considerar as emoções, comportamentos e influências sociais envolvidas nas atitudes em relação à diversidade linguística são essenciais para promover uma mudança real e duradoura na valorização das diferentes línguas faladas na sala de aula. Com base na importância e a valorização do ensino de língua em sala de aula, daremos sequência a análise descritiva da resposta dos professores referente à pergunta sobre a interferência da língua materna dos alunos indígenas durante a leitura e a escrita. Vejamos o Quadro 6:

Quadro 6 - Uso da leitura e escrita e interferência da língua materna. Impacto e medidas a serem adotadas.

<p>05) Durante as aulas, você faz uso da leitura e da escrita e percebe a interferência da língua materna? Isso é bom ou ruim? O que pode ser feito nesse sentido?</p>
<p>Professor 1: <i>“Sim, é bom, os alunos com a escrita sentem -se mais a vontade, mesmo com a troca do uso ortográfico, sempre existe uma compreensão. Sendo necessário ajuste gramatical no ensino aprendizagem. Desta forma precisa- se de argumentos metodológico diferenciado, para que possa adquirir interesse nas atividades propostas”.</i></p>
<p>Professor 2: <i>“É notório e perceptível principalmente na leitura, porém onde predomina é na oralidade, nas comunicações em grupo. Acredito que a interferência não seja esse monstro, mas sim um empréstimo no momento de comunidade ou lapso de memória, ou até mesmo pela dificuldade. A interferência é amenizada, por meio da prática de leitura, é onde o aluno consegue ampliar o seu vocabulário.”</i></p>

Fonte: Gonçalves, 2023.

No quadro acima evidencia que ambos os professores reconhecem interferência

materna dos alunos durante as aulas, especialmente na leitura e na oralidade. No entanto, eles têm perspectivas diferentes em relação a essa interferência. O professor 1 vê essa interferência como algo positivo, pois os alunos se sentem mais a vontade ao utilizar a escrita, mesmo com a ocorrência de trocas ortográficas. No entanto, ele destaca a necessidade de ajustes gramaticais no processo de ensino-aprendizagem.

Observamos que sempre é necessário distinguir entre dois tipos de interferência, a interferência positiva e a interferência negativa. A interferência positiva é o que geralmente se entende por interferência (IF) sem mais, no caso da IF linguística, a presença de elementos de uma língua A em um texto da língua B. A IF negativa, pelo contrário, muitas vezes não é considerada nos estudos de IF e consiste na ausência de determinados elementos em um texto da língua B por causa da presença da língua A. É uma IF que não produz um resultado que é um “erro” abertamente visível, mas alterações na frequência do emprego das formas (KABATEK, 2006, p. 514-515).

A distinção entre interferência positiva e interferência negativa é relevante para uma compreensão mais abrangente dos processos de influência da língua materna na produção da língua-alvo. Ao reconhecer tanto os casos em que elementos da língua materna são transferidos para a língua-alvo quanto os casos em que há uma ausência de elementos devido à influência da língua materna, podemos ter uma visão mais completa dos fenômenos de interferência. Essa compreensão é valiosa para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, permitindo abordagens pedagógicas mais eficazes e sensíveis às características linguísticas e culturais dos aprendizes.

Já o professor 2 considera a interferência como algo notório, mas não necessariamente negativo. Ele acredita que essa interferência ocorre devido a empréstimos linguísticos, momentos de comunidade, lapsos de memória ou dificuldade dos alunos. O professor 2 também ressalta que a prática de leitura ajuda a amenizar essa interferência e contribui para a ampliação do vocabulário dos alunos. Nesse contexto:

O modo como os falantes concebem o outro em seu cotidiano pode ser percebido, por exemplo, por meio da fala, como são externadas ações e “representações” sociais e culturais da comunidade. Ao tomarmos a língua como um conjunto estruturado, no qual estão representadas as relações sociais e a organização dos grupos, reconhecemos que ela é determinada pelas condições de existência do homem no tempo e no espaço, e que, quanto à sua composição, organização e uso, a fala é resultado da relação dinâmica entre os elementos internos e externos da língua (BUSSE e SELLA, 2012, p.78).

Em discussão teórica, Busse e Sella, abordam a concepção do outro na fala cotidiana, destacando que a língua reflete as relações sociais e culturais da comunidade. Reconhece-se

que a língua é influenciada pelas condições de existência do indivíduo no tempo e no espaço. Essa perspectiva sustenta a ideia de que a língua é dinâmica e resultado da interação entre elementos internos e externos. Nesse contexto, a interferência da língua materna pode ser compreendida como parte desse processo dinâmico, resultante das influências internas e externas que moldam a fala dos alunos.

A partir dessas discussões, pode-se afirmar que as respostas dos professores indicam uma valorização da língua materna dos alunos como um recurso válido durante as aulas de leitura e escrita. Ambos reconhecem a presença da interferência da língua materna, mas diferem em suas abordagens. Enquanto o primeiro professor destaca a necessidade de ajustes gramaticais e abordagens metodológicas diferenciadas, o segundo professor enfatiza a importância da prática de leitura para ampliar o vocabulário dos alunos e minimizar as interferências. Ambas as abordagens reconhecem a importância de acolher e trabalhar com a língua materna dos alunos de forma construtiva.

Em suma, é essencial que os professores estejam atentos à interferência da língua materna dos alunos e adotem estratégias pedagógicas adequadas para promover a aprendizagem da língua portuguesa, respeitando e valorizando a diversidade linguística presente na sala de aula. Em seguida, analisaremos as principais dificuldades que os professores sentem ao ensinarem língua(s) na comunidade. Vejamos o quadro 7.

Quadro 7 – Dificuldades no ensino de língua(s) na comunidade.

06) Quais são as dificuldades que os professores sentem ao ensinarem língua(s) na comunidade?		
Professor 1: <i>“No momento há muitas dificuldades, o sociocognitivo dos alunos se depara com a diferença da língua materna, sendo que o ambiente escolar não ampara com o auxiliar bilíngue.”</i>		
Professor 2: <i>“A maior dificuldade é a comunicação com os alunos indígenas. As estruturas morfológicas, sintáticas e semânticas divergem. Sem contar que a fala é ótima, porém o domínio da escrita, não se tem.”</i>		
Dificuldades	Sociocognitivos dos alunos	Comunicação com os alunos indígenas
Observações	Os alunos enfrentam desafios devido à diferença entre a língua materna e a língua ensinada na	Divergência nas estruturas morfológicas e semânticas da língua indígena. Dificuldades no domínio

	escola, e a falta de auxílio bilíngue.	da escrita. A fala é boa, mas a escrita é incompleta.
Impacto	Interfere na aprendizagem e na comunicação dos alunos.	Dificulta a associação de conhecimento e a compreensão entre professores e alunos indígenas.
Soluções	Prover apoio com auxiliares bilíngues para auxiliar a compreensão e comunicação.	Investir em estratégias de ensino adaptadas às características da língua indígena, oferecer suporte adicional para melhorar o domínio da escrita.

Fonte: Gonçalves, 2023.

Esse quadro comparativo resume principalmente as dificuldades mencionadas na pergunta e respostas. Enquanto a pergunta aborda de forma geral das dificuldades enfrentadas pelos professores ao ensinar línguas na comunidade de Niterói aos alunos indígenas. As respostas destacam especificamente as dificuldades relacionadas à comunicação com os alunos indígenas, divergência nas estruturas linguísticas, falta de domínio da escrita, desafios sociocognitivos dos alunos e ausência de um auxiliar bilíngue. Tendo em vista que os dois professores são nativos da língua portuguesa.

Ambas as respostas destacam as dificuldades enfrentadas pelos professores ao ensinar língua(s) na comunidade. Na resposta do professor 1, é mencionada a dificuldade relacionada ao sociocognitivo dos alunos, que se deparam com a diferença entre a língua materna e a língua ensinada na escola. Além disso, é mencionado que o ambiente escolar não oferece suporte adequado com auxiliares bilíngues. Isso indica que a falta de recursos e apoio pode dificultar o processo de aprendizagem dos alunos.

Já na resposta do professor 2, a maior dificuldade destacada é a comunicação com os alunos indígenas. São mencionadas as divergências nas estruturas morfológicas, sintáticas e semânticas da língua indígena, o que pode dificultar a compreensão e a associação do conhecimento. Além disso, é ressaltado que, embora a fala dos alunos seja boa, eles têm dificuldades no domínio da escrita. Nesse sentido:

[...] como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2015, p. 27).

O autor ressalta a natureza heterogênea de todas as línguas humanas, enfatizando que não existe uma língua "una" e uniforme. Essa compreensão é fundamental para os professores que lidam com a diversidade linguística na sala de aula. Ao reconhecer a heterogeneidade linguística, os professores podem adotar uma abordagem mais inclusiva e valorizar as diferentes formas de expressão dos alunos, ao mesmo tempo em que promovem a aprendizagem da língua de ensino. A respeito disso, não podemos deixar de mencionar que,

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente (POSSENTI, 1996, p.29).

O autor traz uma abordagem sobre o preconceito linguístico existente no uso da língua diante da variação linguística. Os fatores que causam esse preconceito são históricos, influenciados pela cultura e a sociedade, em acharmos que falamos melhor que o outro. Conhecer a diversidade linguística que existe na nossa realidade e respeitar a maneira de cada uma falar, ameniza o preconceito linguístico.

Diante dessas dificuldades, é crucial que os professores recebam suporte e formação adequados para enfrentar os desafios linguísticos e culturais presentes na sala de aula. Isso pode incluir o desenvolvimento de estratégias de ensino bilíngue, o uso de materiais didáticos apropriados, o incentivo à colaboração entre os alunos para compartilhar conhecimentos linguísticos e a colaboração com profissionais bilíngues ou especialistas em línguas indígenas. Além disso, é importante promover um ambiente inclusivo e respeitoso, que valorize a diversidade linguística e cultural dos alunos. Isso pode ser feito por meio de atividades que valorizem as línguas maternas dos alunos, que estimulem a troca de conhecimentos linguísticos e culturais, e que promovam a valorização e o respeito mútuo entre os estudantes.

Em resumo, as dificuldades enfrentadas pelos professores ao ensinarem línguas na comunidade estão relacionadas à diversidade linguística presente no contexto educacional e às diferenças estruturais entre as línguas. No entanto, é possível superar essas dificuldades por meio de estratégias pedagógicas sensíveis, suporte adequado e criação de um ambiente inclusivo que valorize a diversidade linguística e cultural dos alunos. Finalizamos aqui análise descritiva do segundo objetivo, a atitude linguística do professor de línguas e daremos início ao terceiro e último objetivo, a metodologia do professor em sala de aula.

3.3.3 Metodologias aplicadas pelos professores

Diante a metodologia utilizada pelo professor de línguas faremos uma análise descritiva de duas perguntas do questionário referente a metodologia do professor de línguas em sala de aula. Vejamos o quadro 8.

Quadro 8 – Metodologia utilizada em sala de aula para o ensino de língua(s).

07) Qual sua metodologia em sala de aula para o ensino de língua(s)?	
Metodologia	Descrição
Professor 1	- Ênfase na audição e fala durante as aulas.
	- Leitura esclarecida para os alunos.
	- Uso da repetição dos conteúdos como estratégia de ensino.
Professor 2	- Busca por metodologias que tornem as aulas mais produtivas e significativas.
	-Destaque para as abordagens comunicativas, em alta atualmente.
	- Atração de alunos de diferentes línguas, incluindo português, indígena e espanhol.

Fonte: Gonçalves, 2023.

O professor1 destaca a importância da audição e fala no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Ele menciona a repetição dos conteúdos como uma estratégia utilizada em sala de aula. Essa abordagem enfatiza o desenvolvimento das habilidades orais, proporcionando aos alunos a oportunidade de praticar e aprimorar sua capacidade de compreender e se expressar verbalmente.

O professor2 menciona as abordagens comunicativas como essenciais no ensino de línguas. Essas abordagens visam promover a comunicação real e significativa em sala de aula, proporcionando aos alunos a oportunidade de interagir e usar a língua em contextos autênticos. Ele destaca que essas abordagens são atrativas para os alunos que estão aprendendo a língua portuguesa, língua indígena e espanhola. Essas diferenças nas metodologias podem refletir a diversidade de abordagens adotadas pelos professores, levando em consideração suas experiências, formação e contexto de ensino. Cada metodologia tem suas características e benefícios específicos, e é importante que os professores escolham

aquela que melhor se adequa às necessidades e características dos alunos, visando promover um ambiente de aprendizado efetivo e engajador. Com base no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI)

Para uma prática de avaliação múltipla e contínua, com caráter formativo (e não eliminatório), os instrumentos são variados e estão ao alcance do professor e do aluno. A produção dos alunos – oral, escrita, pictográfica, numérica, dramática - possibilita o uso de diferentes códigos e linguagens para a expressão das aprendizagens. Para incentivar esses momentos reflexivos, podem ser acionados pelo professor e seus alunos processos como debates, entrevistas, análise das produções ao longo do ano, resolução de questões e problemas, o diário de classe do professor, os relatórios de alunos, a auto avaliação, as reuniões com a comunidade e as discussões com os assessores e outros professores nos cursos de formação (BRASIL, 1998, p. 70).

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas destaca a importância da prática de avaliação múltipla e contínua, com caráter formativo, no ensino de línguas. Ela destaca a variedade de instrumentos disponíveis para avaliar as aprendizagens dos alunos, como a produção oral, escrita, pictográfica, numérica e dramática. Além disso, ressalta a importância de processos reflexivos, como debates, análise das produções dos alunos, resolução de questões e problemas, entre outros.

No ensino de línguas, é recomendável adotar uma abordagem integrada, que leve em consideração as diferentes habilidades linguísticas (audição, fala, leitura, escrita) e promova a interação e a comunicação autêntica. É fundamental envolver os alunos ativamente na aprendizagem, proporcionando oportunidades para praticar a língua em situações reais e significativas. Além disso, a avaliação contínua e formativa desempenha um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Através de diferentes instrumentos de avaliação, os professores podem acompanhar o progresso dos alunos, identificarem suas necessidades e adaptar as estratégias de ensino para atender às suas demandas.

Em resumo, a metodologia utilizada em sala de aula para o ensino de línguas deve ser adaptada às necessidades e características dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem motivador, significativo e comunicativo. E complementando a questão anterior, analisaremos a oitava e última pergunta do questionário referente a metodologias dos professores em relação ao ensino de línguas diante da realidade linguística presente em sala de aula. Vejamos o quadro9.

Quadro 9 - Abordagem do ensino de línguas diante da realidade linguística em sala de aula.

08) Como você trabalha o ensino de línguas diante da realidade linguística presente em sala de aula?

Professor 1: <i>“Usando o socio cognitivo dos discentes, atividades coletivas, trazendo a</i>
--

realidade para o ambiente escolar.”

Professor 2: *“O ensino de Línguas precisa ser de forma lúdica, com práticas em situações reais.”*

Fonte: Gonçalves, 2023.

O professor¹ destaca a importância de utilizar o sociocognitivo dos estudantes, ou seja, levar em consideração seus aspectos sociais e cognitivos, ao trabalhar o ensino de línguas. Além disso, ele propõe a realização de atividades coletivas que promovam a interação e a troca de experiências entre os alunos. A esse respeito:

Os métodos são determinados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao “como” do processo de ensino englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos (LIBÂNEO, 2013, p.164).

Dessa forma, a realidade linguística presente em sala de aula deve ser incorporada ao processo de ensino-aprendizagem.

Por sua vez, o professor² ressalta a necessidade de abordar o ensino de línguas de forma lúdica, ou seja, utilizando atividades e práticas que sejam envolventes e significativas para os estudantes. [...] Libâneo (2013, p. 28) “O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções”. Isso pode incluir o uso de jogos, simulações e situações reais de comunicação, proporcionando aos alunos a oportunidade de praticar a língua de forma contextualizada e motivadora.

Ambas as metodologias buscam promover um ensino de línguas que esteja em sintonia com a realidade linguística dos alunos. Enquanto o professor¹ enfatiza a importância do socio cognitivo e das atividades coletivas, o Professor² destaca a ludicidade e a aplicação prática da língua em situações reais. Essas abordagens complementares visam tornar o ensino mais significativo, engajador e efetivo, considerando o contexto linguístico dos estudantes. Conforme Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998):

As atividades que o aluno faz ao longo do ano, escrevendo e desenhando, contando histórias, de forma individual ou em grupo, servem para o professor e os alunos analisarem e refletirem sobre o processo educativo, mostrando os avanços e os problemas e indicando as mudanças necessárias para melhorar ainda mais as relações do ensinar e aprender (BRASIL, 1998, p. 72).

Em acordo com o autor destaca a importância das atividades que os alunos realizam ao longo do ano, como escrever, desenhar e contar histórias, tanto individualmente quanto em grupo. Essas atividades servem como base para análise e reflexão por parte do professor e dos alunos, permitindo identificar avanços, problemas e possíveis mudanças necessárias para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Evidenciam a importância de considerar a realidade linguística presente em sala de aula no ensino de línguas. Isso envolve a adoção de estratégias pedagógicas que levem em conta as características dos alunos, promovam a participação coletiva, relacionem os conteúdos com a vida cotidiana dos alunos e utilizem abordagens lúdicas e situações reais de comunicação.

Ao utilizar o sociocognitivo dos alunos, os professores podem desenvolver atividades que atendam às necessidades e interesses individuais e coletivos dos estudantes, tornando a aprendizagem mais relevante. Além disso, trazer a realidade para a sala de aula permite aos alunos fazerem conexões entre os conteúdos estudados e suas vivências, o que fortalece o engajamento e a compreensão.

A abordagem lúdica, por sua vez, propicia um ambiente descontraído e motivador, no qual os alunos se sentem mais encorajados a praticar a língua de forma autêntica. Ao utilizar práticas em situações reais, os professores proporcionam aos alunos a oportunidade de aplicar o que aprendem em contextos reais de comunicação, o que contribui para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e sua confiança como falantes da língua.

Em resumo, o trabalho do ensino de línguas diante da realidade linguística presente em sala de aula requer a adoção de estratégias pedagógicas que considerem o sociocognitivo dos alunos, promovam atividades coletivas, conectem os conteúdos com a realidade dos alunos e utilizem abordagens lúdicas e situações reais de comunicação. A análise e reflexão constantes das atividades realizadas pelos alunos também são essenciais para melhorar o processo educativo. Dessa forma, os professores podem criar um ambiente de aprendizagem significativo, estimulante e adequado à diversidade linguística e cultural dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises das perguntas e respostas dos professores de línguas em relação à diversidade linguística na sala de aula de uma escola municipal indígena localizada na comunidade de Niterói, no município de Amaturá-AM, foi possível obter resultados relevantes sobre suas concepções e práticas relacionadas ao tema. O bilinguismo é uma característica marcante dessa comunidade, na qual diferentes línguas são utilizadas tanto pela população local quanto pelos alunos em sala de aula. Destacando-se pela utilização da língua ticuna e a língua portuguesa em sala de aula. Nesse contexto, compreender as concepções dos professores de línguas se torna essencial para promover um ensino eficaz e inclusivo.

No que diz respeito a situação sociolinguística na comunidade de Niterói, os resultados revelaram que a língua portuguesa é a principal língua de instrução utilizada em sala de aula, mas também foi mencionada a presença da língua materna dos alunos indígenas. Essa presença pode representar um desafio, pois a interferência da língua materna pode impactar nas atividades de aprendizagem, especialmente na oralidade e na escrita. Essa interferência linguística se caracteriza pelo processo de assimilação de outra língua, sendo que a língua materna é a língua ticuna.

Em relação à atitude linguística dos professores de línguas frente à diversidade linguística, observou-se uma valorização e reconhecimento da importância de promover o respeito às diferentes línguas faladas pelos alunos e enfrentam desafios ao ensinar a língua na comunidade. Suas respostas destacam a necessidade de promover uma educação inclusiva, sensível à diversidade linguística e cultural dos alunos.

Quanto às metodologias utilizadas em sala de aula, os professores destacaram a necessidade de utilizar metodologias que estimulem a participação ativa dos estudantes, incentivando o uso das línguas indígenas em atividades de leitura, escrita e comunicação. No entanto, também foi evidenciado que os professores enfrentam desafios no ensino de línguas nesse contexto, tais como a falta de recursos e de um auxiliar bilíngue, dificuldades de comunicação e diversidade socioeconômica dos alunos.

Diante dessas considerações, é fundamental que os professores recebam suporte pedagógico adequado, incluindo formação continuada e disponibilidade de recursos específicos para o ensino de línguas na comunidade indígena. Além disso, é importante fortalecer a parceria entre a escola e a comunidade, envolvendo os familiares dos alunos no processo de aprendizagem e valorizando suas línguas e culturas. Superar os desafios enfrentados pelos professores requer um esforço coletivo e uma abordagem sensível e

inclusiva, que respeite e valorize a diversidade linguística presente na sala de aula.

Em suma, esta investigação proporcionou uma visão mais abrangente sobre as concepções dos professores de línguas em relação à diversidade linguística na sala de aula da escola municipal indígena na comunidade de Niterói, em Amaturá-AM. Com base nos resultados alcançados, pode-se afirmar que os professores de línguas levam em consideração e reconhecem que a língua é composta por variações. Essa compreensão mais aprofundada das concepções e atitudes dos professores diante da diversidade linguística contribui para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais adequadas para o ensino de língua portuguesa aos alunos indígenas, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e enriquecedor.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas**: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. São Paulo. Estudos Linguísticos, v. 37 (2), 2008.

ALKMIM, Tânia, sociolinguística. in: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. 1. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

AMARAL, S. A. T. **Dificuldades de aprendizagem**: uma realidade no contexto escolar. 2011.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 31° ed. Edição Loyola, São Paulo, Brasil. 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 2005.

BORGES, S. S. **Crenças linguísticas na (des/re)construção das identidades dos professores de língua em formação no curso de Licenciatura em Letras da UEPG**. (Dissertação de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012 (130 páginas). Disponível em: <<http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/440/1/Simone%20Sousa%20Borges.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2023.

BORTONI-RICARDO, Estella Maris. **Nos chegue na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Constituição, 1998. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Indígena**. Parecer CNE n° 14/99 CBE. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10204-13-parecer-cne-ceb-14-99-diretrizes-curriculares-nacionais-da-educacao-escolar-indigena/file>. Acesso: 31 de março, 2023.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretária de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. **Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná**. Signum: Estud. Ling., Londrina, n. 151, p. 77-93, jun. 2012.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Tradução de Marcos Marciniolo, São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAVALCANTE, Marilda C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: LOPES, Luiz P. da Moita. **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

COELHO, IzeteLehmkuhl et al. **Para conhecer a sociolinguística**. 1. ed. São Paulo; Contexto, 2018.

Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Amatura>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas, 2002.

GROSJEAN, François. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Harvard: Harvard University Press, 1982.

KABATEK, Johannes. **Dime cómo hablas y te diré quién eres. Mezcla de lenguas y posicionamiento social**, Revista de Antropología Social 6, 1997.

KISHIMOTO, TizukoMorchida: **o brincar e suas teorias**. São Paulo, ed. Cengage Learning, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo. Atlas, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo. Atlas, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática-2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAHER, Terezinha Machado. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade**. Tese (Doutorado) – Campinas: IEL/Unicamp, 1996.

MARQUES, TacianeMarcelle; ALMEIDA-BARONAS, Joyce Elaine. **Crenças e atitudes linguísticas na sala de aula**. *Linguagem*, São Carlos, v. 24, n. 1, 2015.

MARTELLOTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. (org.) 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação** (orgs.). São Paulo: Contexto, 2017.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 24. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SILVEIRA, Rafael da. **Variação linguística e suas implicações para o ensino da língua**

portuguesa nos anos iniciais. Revista Práxis Pedagógica.v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/2510-11451-1-PB.pdf>. Acesso em: 6 maio de 2023.

FIORIN, Luiz José. **Introdução á lingüística:** II. Princípios de análise. São Paulo. Contexto, 2017.

APÊNDICES

Figura 2. Imagem da Escola Municipal Duque de Caxias



Fonte: Gonçalves, Dirceu (2023).

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) professor(a), agradecemos sua disponibilidade em participar da nossa pesquisa. A seguir, apresentamos as perguntas que compõem o questionário de nosso estudo.

Nome:

Idade:

Grau de Escolaridade:

Curso de graduação e local de estudo:

Há quanto anos atua no magistério?

1) Qual a língua utilizada pelo povo da comunidade e pelos alunos em sala de aula? Ou quais as línguas?

2) Como você vê a realidade linguística dos alunos em sala de aula?

3) Qual sua metodologia em sala de aula para o ensino de língua(s)?

4) Os alunos conseguem desenvolver as atividades utilizando a língua portuguesa ou há interferência da sua língua materna? Comente.

5) Em relação às aulas, a diversidade linguística existente na sala de aula é levada em consideração? Justifique.

6) Como você trabalha o ensino de línguas diante da realidade linguística presente em sala de aula?

07) Você acha importante o professor ensinar a língua portuguesa e ao mesmo tempo valorizar as diferentes línguas faladas em sala de aula?

08) Qual a melhor língua a ser ensinada aos alunos?

09) Quais são as dificuldades que os professores sentem ao ensinarem língua(s) na comunidade?

10) Durante as aulas, você faz uso da leitura e da escrita e percebe a interferência da língua materna? Isso é bom ou ruim? O que pode ser feito nesse sentido?